

## DA DISPOSIÇÃO DA *ENEIDA*, OU DO GÊNERO DA *ENEIDA* SEGUNDO AS ESPÉCIES DA *ILÍADA* E *ODISSÉIA*

MARCOS MARTINHO DOS SANTOS\*  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

**RESUMO:** *Investigo a disposição da Eneida. Assim, investigo, primeiro, a matéria que Vergílio propõe no início do poema e, daí, a ordem em que a expõe na invocação e narração. Ora, a matéria é dupla, isto é, armas e varão, ou ainda, guerra e viagem, e, de acordo com ela, também a proposição é dupla, e as seis invocações se dividem em dois grupos, e as duas narrações, isto é, a de Vergílio e a de Enéias, se dividem em duas partes. Pois, de um lado, a 1ª invocação e, daí, a 1ª metade da narração de Vergílio especializam-se na viagem ("Cantos I 8-756 e IV - VII 36"), e as outras cinco invocações e, daí, a 2ª metade da narração de Vergílio, na guerra ("Cantos VII 37 - XII"); de outro lado, a 1ª metade da narração de Enéias especializa-se na guerra ("Canto II"), e a 2ª metade, na viagem ("Canto III"). Depois, investigo a dependência da proposição, invocação e narração da Eneida para as partes correspondentes da Ilíada e Odisséia, cotejando aquelas com estas. Pois, porque a matéria da Ilíada é a guerra, e a da Odisséia, a viagem, as partes da Eneida dependem ora de uma ora de outra. Com isso, porém, viso a investigar o modo como a disposição da Eneida subverte, por exemplo, a ordem dos passos da narração da Ilíada e Odisséia, invertendo-os, interpolando-os, desmembrando-os, misturando-os. Enfim, de acordo com um passo do "Canto I" da Odisséia, identifico a Ilíada com a espécie de canto dos érga ou "gesta", e a Odisséia, com a espécie de canto do nóstos ou "retorno", de maneira a concluir que a Eneida, por misturar ambas as espécies, seja mista pelo gênero.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Eneida, Ilíada, Odisséia; disposição; proposição, invocação, narração; érga, nóstos.

*Arma uirumque cano [...].*  
(VERG. *Aen.* I 1)  
As armas e o varão canto [...].

Assim como a *Iliada* e *Odisséia* de Homero, assim as obras de Vergílio foram alvo de detratores e, daí, matéria de defensores.<sup>1</sup> Aqueles castigaram Vergílio, por exemplo, censurando a *Eneida* quer pela elocução quer pela disposição.<sup>2</sup> Em particular, censuraram a disposição dos três primeiros cantos, dizendo que o “Canto II” é que é o primeiro, e o “Canto III”, o segundo, e o “Canto I”, o terceiro, uma vez que tal é a ordem dos casos lá narrados: 1º a queda de Tróia (= “Canto II”); 2º a navegação de Enéias (= “Canto III”); 3º o naufrágio em Cartago (= “Canto I”), a que, ademais, se seguiria o caso narrado no “Canto IV”, isto é, os amores de Dido e Enéias.<sup>3</sup> De fato, provavam que os casos narrados no “Canto I” não são o início da ação, arrolando passos do mesmo canto em que casos anteriores àqueles são rememorados já pelo próprio Vergílio – que identifica o início da narração com o tempo em que os troianos erravam havia já muitos anos (I 29-32) – já por Enéias – que incita os sócios, lembrando-lhes os males de já antes (I 198-202) – ou Dido – que justifica certa interrogação, dizendo que Enéias errava havia já seis anos (I 755-6) --.<sup>4</sup>

Dos defensores de Vergílio, por sua vez, uns teriam negado a culpa do poeta, transferindo-a aos editores; assim, o gramático Niso (fl. 68 d.C.) teria alegado que L. Vário Rufo (séc. I a.C.) é que baralhara a ordem dos “Cantos II e III” em sua edição da *Eneida*.<sup>5</sup> Na verdade, não só a disposição, mas a delimitação dos cantos da *Eneida* teriam sido emendadas na edição de Vário e Tuca, bem como aliás nos comentários de Cornélio Balbo (fl. 44-13 a.C.). De fato, tanto aqueles como este teriam emendado, por exemplo, o fim do “Canto V” e o início do “Canto VI”, retardando aquele no v. 2 do “Canto VI”, e este, no verso seguinte.<sup>6</sup> Pois, ao preparar a edição da *Eneida*, Vário e Tuca, segundo uns, teriam obedecido à condição a eles imposta pelo mesmo Vergílio: “que nada editassem que não tivesse sido editado por ele”,<sup>7</sup> ou ainda, “que nada adicionassem”;<sup>8</sup> segundo outros, teriam obedecido à lei a eles aplicada por Augusto: “que nada adicionassem, dirimissem o supérfluo todavia”.<sup>9</sup> De maneira que aquilo de emendar a disposição dos três primeiros cantos da *Eneida*, bem como de retardar o fim e início dos “Cantos V e VI”, nem desacataria a condição de Vergílio nem infringiria a lei de Augusto, uma vez que nem adicionaria nem subtrairia cantos ou versos, apenas os permutaria.

Outros defensores de Vergílio, porém, teriam aceitado a disposição dos três primeiros cantos da *Eneida*, alegando a excelência daquela. Pois, antes de tudo, se

a narração de Enéias, recapitulativa, se tivesse seguido à de Vergílio, expositiva, teria sido supérflua, de maneira que, ainda que fizesse os ouvintes de Enéias atentos (cf. VERG. *Aen.* II 1: *intenti*; III 716: *intentis*), teria feito os leitores de Vergílio entediados... Em outras palavras, graças àquela disposição, Vergílio teria evitado a prolixidade da narração e, daí, o tédio da recepção.<sup>10</sup> Demais, a ordem direta da narração seria mais apropriada aos historiadores, e a inversa, aos poetas; ou ainda, naquela incorrem os maus poetas, quais os cíclicos, e desta se socorre o bom poeta, qual Homero, segundo lição da *Arte poética* de Horácio (v. 42-4, 136-52).<sup>11</sup> Em outras palavras, graças àquela disposição, Vergílio não só evita assemelhar-se a historiador, procedendo como poeta,<sup>12</sup> mas se estriba na autoridade do melhor poeta, imitando Homero.<sup>13</sup>

Ora, é a disposição da *Eneida* o que investigo a seguir; ou melhor, investigo, primeiro, a matéria que Vergílio propõe no início do poema e, daí, a ordem em que a expõe na invocação e narração; depois, a dependência dessa proposição, invocação e narração para as partes correspondentes da *Iliada* e *Odisséia*. Para tal, sigo alguns que explicam a *Eneida* toda, tais como Tibério Cláudio DONATO (séc. IV d.C. ex.), SÉRVIO Honorato (séc. IV d.C. ex.), ou que disputam partes dela, tais como Caio SUETÔNIO Tranqüilo (ob. 160 d.C.), Aurélio Teodósio MACRÓBIO (fl. 400 d.C.), Magno Aurélio CASSIODORO (ob. 575 d.C.). Assim, visto a comparar a disposição da matéria, de um lado, com a ordem dos casos e, de outro, com a ordem da imitação; pois não só os casos de Enéias se podem narrar em ordem diversa da temporal, mas os passos de Homero se podem imitar em ordem diferente da original. Enfim, a importância de tal investigação depende da importância da disposição mesma para a *Eneida*. Ora, de um lado, o poema breve, porque é uma pequena tira, exige do poeta que lapide uma a uma as palavras, isto é, que labore na elocução, mas, porque carece de partes, dispensa-o da disposição. De outro lado, o poema longo, porque se compõe de partes, exige do poeta que encadeie tiras inteiras de palavras, isto é, que labore na disposição, mas, porque transcende a singularidade das palavras, permite-lhe que cochile na elocução. Tal é, ao menos, a lição da *Arte poética* de Horácio (v. 358-65; cf. 1-40). Ora, poemas épicos, qual a *Eneida* e também a *Iliada* e *Odisséia*, são, em geral, poemas longos, de maneira que a eles importe maximamente a disposição.

### 1. disposição da *Eneida*

[...] ut ‘*arma virumque cano*’, ubi totius operis summa conclusa est.  
(CASSIOD. *Ortogr.* GL VII p. 146, l. 5-6)

[...] como “as armas e o varão canto”, onde está incluída a  
suma da obra inteira.

*arma virumque cano: in hac brevitate et angusta propositione  
multa complexus est.*

(DONAT. *Interpr. Verg.* I 1)

“as armas e o varão canto”: nessa brevidade e apertada propo-  
sição compreendeu muitas coisas.

No cabeçalho da *Eneida*, em que se lê: *arma virumque cano* “as armas e o varão canto”, diz Cassiodoro que está incluída a suma da obra inteira, e Donato, que muitas coisas foram compreendidas. Ora, antes de tudo, os dois acusativos, *arma* e *uirum*, compreendem aquilo que os dois membros que se lhes seguem nos v. 3-5 da proposição desenvolvem: [...] *multum ille et terris jactatus et alto* / [...] / *Multa quoque et bello passus* [...] “[...] muito jogado ele tanto em terras como em alto-mar, / [...] / muito também com a guerra padecido [...]”. Trata-se de dois membros similares, não só pela escolha das palavras, mas pela posição. De fato, ambos são compostos de um particípio, assim: o primeiro, de *iactatus* ou “jogado”, e o segundo, de *passus* ou “padecido”, e ambos os particípios, por sua vez, são acompanhados de um ablativo, assim: *iactatus*, de *et terris* [...] *et alto* “tanto em terras como em alto-mar”, e *passus*, de *bello* ou “com a guerra”, e também de uma forma de *mult-* que encabeça o membro, assim: *iactatus*, de *multum* ou “muito”, e *passus*, de *multa* ou “muito”. Ora, de um lado, o primeiro membro, *multum ille et terris jactatus et alto*, é desenvolvimento do acusativo *uirum*; pois, se este, de acordo com o que se lê nos v. 1-2, refere o varão que primeiro veio das orlas de Tróia à Itália e aos litorais lavínios, aquele explica quanto Enéias foi jogado ao longo de sua viagem por terras e alto-mar. De outro lado, o segundo membro, *multa quoque et bello passus*, é desenvolvimento do acusativo *arma*, na medida em que explica quanto Enéias padeceu com a guerra. Em suma, o acusativo *arma* resume a guerra com que Enéias muito padeceu, como explica o segundo membro, e o acusativo *uirum*, a viagem ao longo da qual Enéias foi muito jogado em terras e alto-mar, como explica o primeiro membro.

Demais, nos dois acusativos estão incluídos não só os dois membros da proposição, mas os dois grupos de invocações da *Eneida*. De fato, das seis invoca-

ções, a primeira, que é, só, o primeiro grupo, especializa-se no acusativo *uirum*, e as outras cinco, que são, juntas, o segundo grupo, no acusativo *arma*. Assim, de um lado, a primeira invocação, antes de tudo, repete o acusativo *uirum*; demais, repete a palavra *ira* e ainda substitui, pela perífrase *regina deum* ou “rainha dos deuses”, a palavra *Iuno* ou “Juno”, as quais pertencem ao inciso *saeuae memorem Iunonis ob iram* “devido à ira lembrada da seiva Juno”, o qual pertence, por sua vez, ao primeiro membro da proposição e, daí, ao desenvolvimento daquilo que o acusativo *uirum* compreende;<sup>14</sup> assim:

*Musa, mihi causas memora, quo numine laeso,  
Quidve dolens regina deum tot volvere casus  
Insignem pietate virum, tot adire labores  
Impulerit: tantaene animis caelestibus irae? (I 8-11)*

Musa, rememora-me as causas. Por qual nume lesado  
ou por que, doída, a rainha dos deuses impeliu a revolver-se em  
[tantos casos  
o varão insigne pela piedade, a adentrar-se em tantos labores?  
Tamanhas assim as iras nos ânimos celestes?

De outro lado, as cinco outras invocações, de um lado, repetem o acusativo *arma* e, ademais, a palavra *bellum*, que pertence ao segundo membro da proposição e, daí, ao desenvolvimento daquilo que o acusativo *arma* compreende; de outro lado, elegem palavras que, como *arma* e também *bellum*, são jargões bélicos. Assim, a segunda invocação, de um lado, repete *arma* (VII 43) e também *bellum* (VII 41); de outro lado, usa jargões bélicos tais quais *classis* (VII 38), *exercitus* (VII 39), *bugna* (VII 40), *acies* (VII 42), *manus* (VII 43); assim:

*Nunc age, qui reges, Erato, quae tempora rerum,  
Quis Latio antiquo fuerit status, advena classem  
Cum primum Ausoniis exercitus appulit oris,  
Expeditam, et primae revocabo exordia pugnae:  
Tu vatem, tu, diva, mone. Dicam horrida bella,  
Dicam acies, actosque animis in funera reges,  
Tyrrhenamque manum totamque sub arma coactam  
Hesperiam. Major rerum mihi nascitur ordo;  
Majus opus moveo [...] (VII 37-45)*

Agora, eia! quais foram os reis, Érato, quais os tempos das coisas,  
 qual estado coube ao antigo Lácio, quando uma *frota* o forasteiro  
*exército* primeiro aportou nas orlas ausônias,  
 [é o que] exporei, e da primeira *guerra* o exórdio reviverei;  
 tu, diva, tu admoesta o vate. Horrores *bélicos* direi,  
*ataques* direi e reis animados a atos funestos  
 e a *falange* tirrena e, coagida toda sob as *armas*,  
 a Hespéria. Maior ordem de coisas nasce para mim;  
 maior obra movo [...].

Assim também, a terceira invocação, de um lado, repete *arma* (VII 644) e também *bellum* (VII 642); de outro lado, usa jargões bélicos tais quais *campus* (VII 643), *acies* (VII 643); assim:

*Pandite nunc Helicon, deae, cantusque movete,  
 Qui bello exciti reges, quae quemque secutae  
 Complerint campos acies, quibus Itala jam tum  
 Floruerit terra alma viris, quibus arserit armis;  
 Et meministis enim, divae, et memorare potestis:  
 Ad nos vix tenuis famae perlabitur aura* (VII 641-6)

Abri, agora, o Helicão, deusas, e movei os cantos.  
 Que reis foram incitados à *guerra*? Que *ataques*, a cada um  
 seguindo, repletaram os *campos*? Com que varões já então  
 floresceu a alma terra ítala? Com que *armas* ardeu?  
 Sim, tanto tendes memória, divas, como dais memória;  
 até nós mal se prolonga a tênue aura da fama.

Já a sexta invocação, de um lado, sobre usar jargões bélicos tais quais *manus* (X 164) e *rates* (X 165), repete tão-só *arma* (X 165), assim:

*Pandite nunc Helicon, deae, cantusque movete,  
 Quae manus interea Tuscis comitetur ab oris  
 Aenean armetque rates pelagoque vehatur* (X 163-5)

Abri, agora, o Helicão, deusas, e movei os cantos.  
 Que *falange*, entrementes, acompanha, desde as orlas tuscas,  
 Enéias e *arma* os *barcos* e é levada pelo pélagos?,

e a quinta invocação, de outro lado, sobre usar jargões bélicos tais quais *ferrum* (IX 526) e *strages* (IX 526), repete tão-só *bellum* (IX 528), assim:

*Vos, o Calliope, precor, aspirate canenti,  
Quas ibi tum ferro strages, quae funera Turnus  
Ediderit, quem quisque virum demiserit Orco,  
Et mecum ingentes oras evolvite belli:  
Et meministis enim, divae, et memorare potestis* (IX 525-9)

A vós, ó Calíope, peço: inspirai [este] que canta.  
Que *estragos*, lá então, com o *ferro*, que funerais Turno  
deu? Que varão cada um remeteu a Orco?  
E comigo revolvei as ingentes orlas *bélicas*.  
Sim, tanto tendes memória, divas, como dais memória.

Enfim, a quarta invocação usa tão-só o jargão bélico *rates* (IX 78), assim:

*Quis deus, o Musae, tam saeva incendia Teucris  
Avertit? tantos ratibus quis depulit ignes?  
Dicite. Prisca fides facta, sed fama perennis* (IX 77-9)

Qual deus, ó Musas, tão sevos incêndios, dos teucros  
apartou, qual repeliu para longe dos *barcos* tamanhos fogos,  
dizei. Ao fato cabe fé primordial, mas a fama [é] perene.

Demais, não é por acaso que a primeira invocação, que insiste no acusativo *uirum*, encabece a narração da viagem de Enéias, e a segunda invocação, que insiste no acusativo *arma*, encabece a narração da guerra de Enéias, e as outras quatro invocações, que também insistem no acusativo *arma*, se entremeiem na narração da guerra. A narração da viagem estende-se, porém, pelos primeiros seis cantos, e a da guerra, pelos outros seis.<sup>15</sup> Da viagem mais precisamente se narra:

no "Canto I", como os troianos naufragaram, de modo a desviar-se da Sicília para as orlas da Líbia (v. 34-5, 157-8), e como foram socorridos pela rainha Dido (v. 627-30, 731-3), assim: primeiro, Ilioneu e outros dos teucros (v. 509-12, 520-1), e, depois, Enéias e Acates (v. 579-81, 594-5), para os quais se preparou um convívio (v. 637-8);

no “Canto IV”, como, primeiro, Juno pactuou com Vênus o modo de unir, por conúbio estável, Enéias com Dido (v. 99-100, 125-7), a fim, na verdade, de desviar o reino de Enéias da Itália para as orlas líbicas (v. 105-6), e como, depois, Júpiter mandou Mercúrio interpelar Enéias (v. 268-70) dizendo-lhe que prosseguisse na navegação (v. 237);

no “Canto V”, como os troianos se dirigiram para os portos sicanos (v. 23-5) e lá, primeiro, foram recebidos por Acestes (v. 35-41) e, depois, celebraram com jogos o aniversário da morte de Anquises (v. 45-71) e, enfim, após fundar uma cidade para as matronas e o povo que lá quisesse permanecer (v. 750-1), partiram (v. 774-8), e como, no meio da noite, Sono buscou Palinuro (v. 838-41), para precipitá-lo da popa nas ondas (v. 857-60);

no “Canto VI”, como os troianos chegaram às orlas de Cumas (v. 1-2) e de lá, depois que Enéias foi ao templo de Apolo (v. 9-11) e, daí, desceu com a sibila para os domicílios e reinos de Dite (v. 268-9), se lançaram para o porto de Caieta (v. 900-1);

no “Canto VII”, como Enéias passou rente aos litorais de Circe (v. 10) e, daí, se adentrou no Lácio pelo Tibre (v. 25-34), e lá, enfim, se voltaram as proas para terra (v. 35-6).

Da guerra mais precisamente se narra:

no “Canto VII”, como, de um lado, Ilioneu e outros teucros foram recebidos por Latino (v. 160-266), que prometeu unir a filha com Enéias (v. 267-73), e como, de outro lado, a decisão de Latino enfureceu, primeiro, Amata (v. 341-405) e, depois, Turno (v. 458-66), de modo que eclodisse a guerra (v. 467-74, 601-40), e quais foram os aliados de Turno (v. 642-3);

no “Canto VIII”, como Turno acenou com a guerra do alto do Laurente (v. 1-2) e, depois, mandou Vênulo pedir auxílio a Diomedes (v. 9-10), e como Enéias foi ao Palanteio fazer aliança com Evandro (v. 51-6, 98-101, 150, 169) e, daí, a conselho desse (v. 475-6, 494-519), também procurou aliança com os etruscos e Tarcão (v. 603-7), enquanto Vênus ia até Vulcano rogar-lhe que armasse o filho (v. 382-3);

no “Canto IX”, como Turno investiu sobre os troianos, primeiro, ateando fogo às naus (v. 69-76) e, depois, forçando os muros (v. 503-24, 728-30);

no “Canto X”, como Tarcão juntou suas tropas às de Enéias e fez aliança com ele (v. 153-4), e quais foram os aliados de Enéias (v. 164-5), e como Enéias



tornou ao acampamento numa frota (v. 287-90), e como Turno e Enéias se apressaram ao confronto (v. 308-14), no qual sobressaíram Palante (v. 362-425), Turno (v. 445-509), Enéias (v. 510-601, 796-832, 867-908), Mezêncio (v. 689-795);

no “Canto XI”, como latinos e troianos suspenderam a guerra para enterrar os corpos que jaziam entre os campos (v. 100-5, 133), e como Vênulo tornou com a recusa de Diomedes de fazer guerra contra Enéias (v. 225-30), e como a deliberação sobre o acordo proposto por Latino (v. 300-35), depois das intervenções exacerbadas de Drances (v. 336-75) e Turno (v. 376-444), foi interrompida pelo ataque de Enéias (v. 445-55), e como a falange e cavalaria dos troianos e etruscos se encontraram com as dos rútilos e latinos (v. 597-611), de maneira que sobressaísse na guerra Camila (v. 648-835), e como Turno foi encurralado e, ao escapar, foi seguido por Enéias (v. 896-911);

no “Canto XII”, como Turno aceitou o acordo de Enéias de combate singular (v. 11-7, 75-80), e como o acordo que Enéias e Latino firmavam (v. 212-3) foi desfeito por uma desavença dos rútilos e troianos (v. 285-8), graças à qual Turno foi levado para longe de Enéias (v. 477-83), até que, enfim, se oferecesse ao combate singular (v. 692-6), em que acabou por perder a vida (v. 950-2).

Logo, os dois acusativos resumem, ao fim e ao cabo, as duas metades da obra toda, assim: o acusativo *arma*, a 2ª metade, ou melhor, os “Cantos VII 37 - XII”, e o acusativo *uirum*, a 1ª metade, ou melhor, os “Cantos I 8 - VII 36”.

Enfim, nos dois acusativos estão incluídas não só essas duas narrações, feitas pela pessoa de Vergílio, mas também aquelas outras duas, feitas pela pessoa de Enéias. Ora, antes de tudo, é Dido que solicita de Enéias narração dupla, ou melhor, dividida entre as insídias dos dânaos e acasos dos concidadãos de Enéias, de um lado, e os erros desse, de outro; ou melhor, entre a guerra de gregos e troianos e a viagem de Enéias de Tróia a Cartago; assim:

*“Immo age, et a prima dic, hospes, origine nobis  
Insidias, inquit, Danaum casusque tuorum  
Erroresque tuos; nam te jam septima portat  
Omnibus errantem terris et fluctibus aestas”* (I 753-6)

“Vamos, eia! e desde a primeira origem, hóspede, diz-nos as insídias” insiste [Dido] “dos dânaos e acasos dos teus e os teus erros; pois a ti transporta já o sétimo estio por todas as terras e refluxos”.

Daí, Enéias, por sua vez, anuncia a partição de sua narração em duas, a saber: nos seus acasos e no labor supremo de Tróia, isto é, na viagem e na guerra; assim:

*Sed si tantus amor casus cognoscere nostros  
Et breviter Trojae supremum audire laborem* (II 10-1; cf. III 298-9)

“Mas, se tamanho [é] o ardor de conhecer os acasos nossos e com brevidade ouvir o labor supremo de Tróia”.<sup>16</sup>

Porém, as duas partes da narração de Enéias correspondem aos “Cantos II e III”, ou melhor, a narração da guerra, ao “Canto II”, e a narração da viagem, ao “Canto III”.<sup>17</sup> Logo, os dois acusativos resumem não só as duas metades da narração feita pela pessoa de Vergílio, mas as duas metades da narração feita pela pessoa de Enéias.

Em suma, nos dois acusativos, *arma* e *uirum*, estão incluídos, antes de tudo, os dois membros da proposição; demais, os dois grupos de invocação; demais, as duas metades da narração feita pela pessoa de Vergílio; enfim, as duas metades da narração feita pela pessoa de Enéias. Ademais, à medida que passa das partes ao todo, Vergílio alterna as matérias, isto é, a guerra e a viagem, dispondo-as assim: 1º nos dois acusativos: guerra – viagem (I 1); 2º nos dois membros da proposição: viagem (I 1-4) – guerra (I 5); 3º na interrogação de Dido: guerra – viagem (I 753-6); 4º na partição de Enéias: viagem – guerra (II 10-1; cf. 13); 5º nas duas metades da narração feita pela pessoa de Enéias: guerra (II) – viagem (III); 6º nos dois grupos de invocação e, daí, nas duas metades da narração feita pela pessoa de Vergílio: viagem (I 8 - VII 36) – guerra (VII 37 - XII).<sup>18</sup>

## 2. dependência da *Eneida*

*Novissime Aeneidem inchoavit, argumentum varium ac multiplex et quasi  
amborum Homeri carminum instar.*

(Suet. *Post. frg.* Rostagni XXIII e l. 85-6)

Derradeiramente, encetou a *Eneida*, argumento vário e múltiplo e como que o equivalente de ambos os carmes de Homero.

*Quid quod et omne opus Vergilianum velut de quodam Homerici operis speculo  
formatum est?* (Macr. *Sat.* V 2, 13)

Quê? Pois ainda a obra vergiliana toda foi formada como que de algum espelho da obra homérica?

Ora, em geral, isso de acusativos encabeçar a proposição do canto seria rememoração de Homero, uma vez que tanto a proposição da *Iliada* é encabeçada pelo acusativo *mênin* ou “ira”, como a da *Odisséia*, pelo acusativo *ándra* ou “varão”. Em particular, porém, o segundo acusativo, *uirum*, seria tradução do *ándra* da *Odisséia*, mas o primeiro, *arma*, não o seria do *mênin* da *Iliada*.<sup>19</sup> Na verdade, também o que aos acusativos se segue na proposição da *Eneida* dependeria antes da *Odisséia* que da *Iliada*. De fato, a oração adjetiva, que ao acusativo *uirum* se subordina por meio do pronome relativo *qui* ou “que”, seria rememoração daquela que ao acusativo *ándra* se subordina por meio do pronome relativo *hós* ou “que”, bem como o genitivo *Troiae* ou “Tróia”, que se antecipa à subordinada, seria rememoração do genitivo *Troies* ou “Tróia”, que se segue, e *dum* ou “até que”, rememoração de *epéi* ou “depois que”; assim:

Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ  
πλόγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσε (HOM. Od. I 1-2)

O varão reconta-me, Musa, multiversátil, que muito  
errou, depois que depredou o capitólio sagrado de Tróia;

[...] *uirumque cano, Trojae qui primus ab oris*  
*Italiam [...] Laviniaque venit*  
*Litora, [...]*  
[. . .]  
[...] *dum conderet urbem* (VERG. Aen. I 1-5)

[...] e o varão canto, que, primeiro, das orlas de Tróia  
à Itália [...] veio e aos lavínios  
litorais, [...]  
[. . .]  
[...] até que fundasse a Cidade.

Assim, aliás, Vergílio, ao rememorar Homero, inverte. Pois, ao passo que Odisseu errou depois que derrubou o capitólio sagrado de Tróia, Enéias, todavia, foi jogado tanto em terras como em alto-mar até que fundasse a Urbe; em outras palavras, um navegou depois que derrubou (cf. *epéi [...] éperse*), e o outro, até que erguesse (cf. *dum conderet*) uma cidade.

Porém, pode-se dizer, de acordo com Donato, que todos esses acusativos respondem uns aos outros pela categoria, assim: *uirum* a *ándra*, por ambos significar pessoa, e *arma* a *mênin*, por ambos significar coisa.<sup>20</sup> De maneira que ambos os acusativos do cabeçalho da *Eneida* dependeriam, sim, de Homero, ou melhor, *arma*, do *mênin* da *Iliada*, e *uirum*, do *ándra* da *Odisséia*. Na verdade, também o que se segue aos acusativos na proposição da *Eneida* dependeria, à primeira vista, tão-só da *Odisséia*, mas, depois, também da *Iliada*. De fato, a repetição de *mult-*, que ocorre primeiro no v. 3, sob o advérbio *multum*, e depois no v. 5, sob o adjetivo *multa*, é, antes de tudo, rememoração daquela outra, de *poll-*, que se lê na proposição da *Odisséia*. Na verdade, aqui, *pollôn* e *pollás* chamam ainda a atenção, de um lado, por encabeçar os versos, subseqüentes, em que ocorrem e, de outro lado, por já ser repetição do *pollá* que encerra o v. 1 e também já é, por sua vez, repetição do *poly-* que encerraria o primeiro hemistíquio do mesmo verso; assim:

Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ  
 πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσε·  
 πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω,  
 πολλὰ δ' ὃ γ' ἐν πόντῳ πόθεν ἄλγεα ὄν κατὰ θυμὸν  
 (Hom. Od. I 1-4)

O varão reconta-me, Musa, *multiversátil*, que *muito* errou, depois que depredou o capitólio sagrado de Tróia, e de *muitos* homens viu cidades e o entendimento conheceu, e *muitas* dores, sim, no pélagos padeceu dentro do seu peito.

Porém, o *poll-* que assim se repete na proposição da *Odisséia* já seria rememoração do *pollás* ou “muitas” que encabeça o v. 3 da proposição da *Iliada*: *pollàs d'iphthímous psykhàs Áidi proíapsen / heróon* [...] “e *muitas* almas impetuosas no Ades precipitou / de heróis [...]”, o qual seria, por sua vez, se não repetição, variação do *myría* ou “miríades” do v. 2, a julgar pelo confronto desse: *ouloménen, hē myri' Akhaiois álge' étheke* “diga, que impôs aos aqueus *miríades* de dores”, com o v. 287 do “Canto XVII” da *Odisséia*: *ouloménen, hē pollà kák' anthrópoisi dídosí* “diga, que deu aos homens *muitos* males”, em que, a par da repetição do participio *ouloménen* ou “diga”, seguido do pronome relativo *hé* ou “que”, *pollá* ou “muitos” seria variação do *myría* ou “miríades” da proposição da *Iliada*, assim como *káka* ou “males”, de *álgea* ou “dores”, e *anthrópoisi* ou “aos homens”, de *Akhaiois* ou “aos aqueus”, e *étheke* ou “impôs”, de *dídosí* ou “deu”.

Assim, aliás, Vergílio, ao rememorar Homero, mistura e varia. Pois, antes de tudo, as duas ocorrências de *mult-* da proposição da *Eneida* seriam, pela forma, rememoração das duas ocorrências de *poll-* dos v. 3-4 da *Odisséia* e, pela posição, rememoração dessas e também do par *myría* e *pollás* dos v. 2-3 da *Iliada*, pois, de um lado, na medida em que encabeçam os membros a que pertencem, são como as duas ocorrências de *poll-* e, de outro lado, na medida em que apenas a segunda ocorrência encabeça o verso a que pertence, são como o par *myría* e *pollás*. Demais, ao passo que, na *Odisséia*, *en póntoi* ou “no pélagos” acompanha o verbo *páthen* ou “padeceu”, na *Eneida*, *alto* ou “no alto-mar” acompanha o particípio *iactatus* ou “jogado”, e o particípio *passus* ou “padecido”, todavia, é acompanhado por *bello* ou “com a guerra”.

Demais, também os dois grupos de invocações da *Eneida* são rememoração das invocações da *Iliada* e *Odisséia*, ou melhor, a primeira invocação da *Eneida*, que encabeça a narração da viagem de Enéias de Tróia ao Lácio, é rememoração da invocação da *Odisséia*, e as outras cinco, de que uma encabeça a narração da guerra de Enéias contra Turno, e as demais se entremeiam nessa, são rememoração das invocações da *Iliada*. Pois, antes de tudo, que o primeiro grupo de invocações da *Eneida* seja composto por uma única, e o segundo, por cinco, lembra, respectivamente, a *Odisséia*, em que há uma única invocação (HOM. *Od.* I 1-9), e a *Iliada*, em que há seis (id. *Il.* I 1-7; II 484-93, 760-2; XI 218-20; XIV 508-10; XVI 112-3). Daí, que a primeira invocação da *Eneida* seja interpelação singular da Musa (VERG. *Aen.* I 8), e das outras cinco uma seja interpelação plural das Musas (id. *ib.* IX 77), lembra, também respectivamente, a invocação da *Odisséia*, que é interpelação singular da Musa (HOM. *Od.* I 1), e as invocações da *Iliada*, de que quatro são interpelação plural das Musas (id. *Il.* II 484; XI 218; XIV 508; XVI 112).<sup>21</sup>

Demais, outras partes da primeira invocação da *Eneida* e das outras cinco lembram, respectivamente, a invocação da *Odisséia* e as invocações da *Iliada*. Assim, de um lado, a par do vocativo *Musa* da primeira invocação da *Eneida* que lembra o vocativo *Moúsa* da invocação da *Odisséia*, o dativo *mihi* lembra o dativo *moi*, e o acusativo *uirum*, o acusativo *ándra*.<sup>22</sup> De outro lado, este passo da quinta invocação da *Eneida*: *quem quisque virum demiserit Orco* (IX 527) “que varão cada um remeteu a Orco?”, lembra este outro, da primeira invocação da *Iliada*: *pollàs d' iphthímous psykhàs Áidi prótapsen / heróon* “e de heróis precipitou no Ades almas impetuosas / muitas”, e este passo da quarta invocação da *Eneida*: *Quis deus, o Musae, tam saeva incendia Teucris / Avertit? tantos ratibus quis depulit ignes? / Dicite* (VERG. *Aen.* IX 77-9) “Qual deus, ó Musas, tão sevos incêndios, dos teucros / apartou, qual repeliu para longe dos barcos tamanhos fogos, / dizei”, lembra este

outro, da sexta invocação da *Ilíada*: *hóppos dè prôton pyr émpese neusîn Akhaiôn* (HOM. *Il.* XVI 113) “de que modo o primeiro fogo incidiu nas naus dos aqueus”, e este passo da terceira invocação da *Eneida*:

*Pandite nunc Helicon, deae, cantusque movete,*  
[. . .]  
*Et meministis enim, divae, et memorare potestis:*  
*Ad nos vix tenuis famae perlabitur aura* (VERG. *Aen.* VII 641-6; cf. IX  
[79, 529; X 163])

Abri, agora, o Helicão, deusas, e movei os cantos.  
[. . .]  
Sim, tanto tendes memória, divas, como dais memória;  
até nós mal se prolonga a tênue aura da fama,

lembra este outro, da segunda invocação da *Ilíada*:

Ἔσπετε νῦν μοι, Μοῦσαι Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι –  
ὑμεῖς γὰρ θεαὶ ἐστε, πόρεστέ τε, ἴστέ τε πάντα,  
ἡμεῖς δὲ κλέος οἶον ἀκούομεν οὐδέ τι ἴδμεν –  
οἳ τινες ἡγεμόνες Δαναῶν καὶ κοίρανοι ἦσαν·  
πληθὺν δ' οὐκ ἄν ἐγὼ μυθήσομαι οὐδ' ὀνομήνω,  
[. . .]  
εἰ μὴ Ὀλυμπιάδες Μοῦσαι, Διὸς ἀγιόχοιο  
θυγατέρες, μνησαίαθ' [...] (HOM. *Il.* II 484-92; cf. II 760; XI  
[218; XIV 508; XVI 112])

Dizei-me agora, Musas, que tendes domicílios olímpios,  
– pois vós sois deusas e presenciais e vedes tudo,  
nós, porém, a glória tão-só ouvimos, nada vemos –  
quais eram os condutores dos dânaos e os soberanos.  
A multidão, porém, eu mesmo não falarei nem nomearei,  
[. . .]  
se [a mim] as Musas olímpíades, de Zeus porta-égide  
filhas, não tiverem lembrado [...],

pois, em ambos, o cantor recorre às Musas, alegando que a elas, deusas, cabe ver as coisas que para elas são presentes, e a ele, mortal, ouvir a glória e fama das coisas que para ele são pretéritas, de maneira que o canto do cantor depende da memória das Musas. Na verdade, mais do que isso, ambas as invocações ocupam, num e noutro canto, a mesma posição; pois, assim como, na *Ilíada*, a segunda invocação encabeça a rememoração dos condutores e soberanos dos dânaos, ou melhor, das naus e dos príncipes das naus (HOM. *Il.* II 494-760), assim, na *Eneida*, a terceira invocação encabeça a rememoração dos reis ítalos e aliados desses (VERG. *Aen.* VII 647-817; cf. 642-4). A essas, ademais, aproximam-se, de um lado, a terceira invocação da *Ilíada*, na medida em que antecede a rememoração dos cavalos que seguiram os Atrides (HOM. *Il.* id. ib. II 763-79), se não também a dos troianos e aliados desses (id. ib. II 816-77; cf. 815), e, de outro lado, a sexta invocação da *Eneida*, na medida em que antecede a rememoração dos aliados de Enéias, ou melhor, dos que o acompanharam em barco e do número das naus desses (VERG. *Aen.* X 166-214; cf. 164-5, 213-4).

Enfim, assim como, de um lado, a primeira invocação da *Eneida* depende da invocação da *Odisséia*, assim a primeira metade da narração da *Eneida* depende da narração da *Odisséia*, e, assim como, de outro lado, as outras cinco invocações da *Eneida* dependem das seis invocações da *Ilíada*, assim a segunda metade da narração da *Eneida* depende da narração da *Ilíada*.<sup>23</sup> Não por acaso, decerto, senão porque, de um lado, assim como a *Odisséia*, ou melhor, o “Canto I 1-87” e os “Cantos V 21 - XIII 184” dessa são narração da viagem de Odisseu de Tróia a Ítaca, assim a primeira metade da *Eneida*, ou melhor, o “Canto I 8-756” e os “Cantos III - VII 36” dessa são narração da viagem de Enéias de Tróia ao Lácio, e porque, de outro lado, assim como a *Ilíada* é narração de um episódio da guerra dos aqueus contra os troianos, isto é, da ira de Aquiles, assim a segunda metade da *Eneida*, ou melhor, os “Cantos VII 37 - XII” dessa são narração da guerra dos troianos contra os rútuos. A seguir, assinalo, primeiro, a dependência de alguns dos episódios da primeira metade da *Eneida* para outros da *Odisséia* e, depois, a dependência de alguns dos episódios da segunda metade da *Eneida* para outros da *Ilíada*.

### 2.1. dependência da primeira metade da *Eneida* para a *Odisséia*

A tempestade do “Canto I” da *Eneida* lembra aquela do “Canto V” da *Odisséia*, como se vê do cotejo:

na *Eneida*: 1º os troianos afastam-se da terra sícula (I 34) e, alegres, dão velas ao vento (I 35); 2º a deusa Juno revolve no peito irritação contra os troianos

(I 36-7, 50); 3º Juno pede a Éolo que libere os ventos (I 69), e irrompem nas naus troianas o Euro, o Noto, o Áfrico (I 84-6, cf. 108-12), e a noite cai sobre o mar (I 89); 4º em meio à tempestade, Enéias lamenta seu destino, dizendo que três e quatro vezes bem-aventurados foram os que encontraram a morte sob os muros altos de Tróia (I 93-101); 5º ao sentir mexer-se o mar (I 124-6), Netuno dá aos ventos ordem para tornar ao cárcere de Éolo (I 139-41), e, tão logo ele fala, aplacam-se as águas, e retorna o sol (I 142-3);

na *Odisséia*: 1º Odisseu afasta-se da ilha de Calipso (V 263) e, alegre, dá velas ao vento (V 269); 2º o deus Posidão revolve no peito irritação contra Odisseu (V 285); 3º Posidão congrega as nuvens e revolve o mar (V 291), e a noite cai do céu (V 294), e irrompem na nau de Odisseu o Euro, o Noto, o Zéfiro, o Bóreas (V 295-6, cf. 331-2); 4º em meio à tempestade, Odisseu lamenta seu destino, dizendo que três e quatro vezes bem-aventurados foram os dânaos que pereceram na ampla Tróia (V 297-312); 5º ao ver Odisseu (V 333), Ino dá-lhe orientação para a salvação dele (V 339-50).

Antes de tudo, tal dependência justifica-se porque, assim como a tempestade do “Canto V” da *Odisséia* abre a narração da navegação de Odisseu – após a narração da navegação de Telêmaco, que se estende pelos “Cantos I 88 - IV” –, assim a tempestade do “Canto I” da *Eneida* abre a narração da navegação de Enéias. A par das evidentes semelhanças, porém, é de reparar em duas flagrantes dessemelhanças, a saber: 1ª em que, na *Eneida*, a divindade irritada, Juno, solicita a intervenção de outra, Éolo, ao passo que, na *Odisséia*, a divindade irritada, Posidão, atua diretamente; 2ª em que, na *Eneida*, a divindade, Netuno, que sente o mar mexer-se, já aplaca a tempestade, ao passo que, na *Odisséia*, a divindade, Ino, que se compadece do mortal, Odisseu, apenas o instrui no modo de salvar-se. Ora, Éolo, bem que ausente do episódio da tempestade do “Canto V” da *Odisséia*, está presente naquele outro da tempestade do “Canto X”, de que, de fato, provém o Éolo do “Canto I” da *Eneida*, pois, por exemplo, assim como, na *Odisséia*, se diz que Zeus fez dele o administrador dos ventos (X 21), assim, na *Eneida*, se diz que Júpiter o deu como rei aos ventos (I 61-3, 65-6). Assim, aliás, Vergílio mistura num mesmo episódio da *Eneida* episódios diferentes da *Odisséia*. Mais que isso, porém, Vergílio inverte-lhes o sentido. Pois, ao passo que, na *Odisséia*, Posidão desencadeia a tempestade a fim de retardar o retorno de Odisseu a casa (cf. I 16-21, 74-5), e Éolo encerra os ventos bravios numa pele de boi cerzida com fios argênteos (X 19-20) e permite que bafeje o sopro do Zéfiro (X 23-4), a fim de pôr Odisseu a caminho de casa (X 17-8, 25-6), na *Eneida*, todavia, é Netuno que aplaca a tempestade (I 142-3), e é



Éolo que empurra para o lado o monte cavo (I 81-2), cuja massa comprime os ventos (I 61-2), e lhes dá passagem (I 82-3), a fim de desviar o curso dos troianos da Itália (I 67-70) para as orlas da Líbia (I 157-8).

O lugar a que aportam os troianos lembra aquele a que aportam os feaces que repatriam Odisseu no “Canto XIII” da *Odisséia*. De fato, assim como Homero descreve o porto de Ítaca (XIII 96-7), formado por dois penedos escarpados (XIII 97-8), no interior dos quais as naus permanecem sem amarras (XIII 100-1), e perto dos quais está a gruta das ninfas (XIII 103-4), assim Vergílio descreve o porto da Líbia (I 157-61), formado por dois penedos escarpados (I 162-3), em frente aos quais está a gruta das ninfas, no interior da qual nenhuma âncora retém as naus (I 168-9).

O episódio do “Canto I” da *Eneida*, em que Enéias faz o reconhecimento das terras em que naufragou, lembra aquele dos “Cantos VI e VII” da *Odisséia*, em que Odisseu faz o mesmo, como se vê do cotejo:

na *Eneida*, 1º ao despertar com o alvorecer, Enéias decide explorar os lugares novos e os que os têm, a hesitar se são homens, se feras (I 305-9); 2º ao deparar a mãe (I 314), hesita se é mortal e pergunta se é a irmã de Febo, se uma das ninfas (I 326-9); 3º ao dirigir o passo para as proximidades da cidade, Vênus difunde muita névoa ao redor de Enéias e Acates, para que ninguém os possa ver nem tocar (I 41-4); 4º assim, Enéias e Acates admiram o tamanho e riqueza da cidade (I 421-2);

na *Odisséia*, 1º ao ser despertado pelos gritos das acompanhantes de Nausícaa (VI 112-8), Odisseu cogita nos humanos a cuja terra chegou, a hesitar se são selvagens ou amigos dos hóspedes (VI 118-21); 2º ao deparar a filha de Alcínoo (VI 139-41), pergunta-lhe se é deus ou humano, ou ainda, se é Artêmide ou filha de pais bem-aventurados e irmã de cognatos bem-aventurados (VI 149-55); 3º ao dirigir-se para a amável cidade, Atena difunde espesso ar ao redor de Odisseu, a evitar que os feaces o vejam, e daí algum desses, altivos, o escarneça e pergunte quem é (VII 14-7, cf. 39-42); 4º assim, Odisseu admira o porto e os muros da cidade (VII 39-45).

Aqui, ademais, Vergílio mistura os episódios da *Odisséia*. Pois, ao passo que o despertar de Enéias, a decisão de explorar as terras novas e o mais que se segue dependem do que se narra nos “Cantos VI e VII” da *Odisséia*, a tentativa de encorajar os companheiros, todavia, depende do que se narra no “Canto XII”. Pois, assim como aqui Odisseu, a fim de incentivar os companheiros (XII 206), relembra os males que já superaram (XII 208), em particular, o ciclope que os encerrou numa esplanca à força (XII 209-10), e daí diz que um dia será fácil rememorá-los (XII 212;

cf. XV 400), assim, na *Eneida*, Enéias, a fim de amansar os peitos tristes (I 197), relembra os males que já superaram (I 198), em particular, as rochas do ciclope (I 201-2), e daí diz que um dia aprouverá rememorar-los (I 203).

Tanto na *Odisséia* (VI 100-9) como na *Eneida* (I 496-504), a mulher – seja Nausícaa seja Dido – que recebe o forasteiro – seja Odisseu seja Enéias – é comparada a Artêmitide ou Diana, que, ao correr pelas margens dos rios ou pelos cimos das montanhas, sobressai entre as ninfas que a seguem e, assim, regozija o peito da mãe. Na *Eneida*, ao ser recebido por Dido, Ilioneu, antes de identificar-se, adverte-a que ele e sua gente não vieram devastar os penates líbicos e, depois de os rapinar, desviar o saque para o litoral (I 527-8); na *Odisséia*, ao receber Telêmaco, Néstor, antes que o filho de Odisseu se identifique, pergunta-lhe se é saqueador (III 73).

Nos episódios seguintes, porém, Vergílio mistura e desloca episódios da *Odisséia*. Assim, mistura-os, por exemplo, naquele da aparição de Enéias a Dido. Pois, na *Eneida*, após Dido lamentar a ausência de Enéias (I 575-6), esse apresenta-se a ela, e daí a deusa Vênus, de um lado, qual as mãos do artífice que ao mármore emprestam decoro ou cingem de prata e ouro a pedra, empresta-lhe donaire à cabeleira, de modo a fazê-lo semelhante a um deus no rosto e nos ombros (I 589-93), e ele, de outro lado, anuncia: “a ti aquele que procuras apresenta-se” (I 595). Já da *Odisséia*, de um lado, é no “Canto VI” que a deusa Atena empresta beleza e graça à cabeleira de Odisseu (VI 229-37), de modo que Nausícaa diga que ele se assemelha a um deus (VI 243), e é no “Canto XXIII” que a deusa Atena, qual o experto artífice que funde ouro e prata, difunde beleza e graça na cabeça e ombros de Odisseu, de modo que ele se faça semelhante aos imortais no aspecto (XXIII 156-63; cf. VIII 18-9); de outro lado, é no “Canto XXI” que, após Filício e Eumeu exprimir seus votos de que Odisseu retorne, esse anuncia: “está aqui ele mesmo, sou eu”, e é no “Canto XXIV” que, após Laertes lamentar a ausência do filho (XXIV 284-6), esse anuncia: “aquele que tu apeteças, pai, aquele sou eu” (XXIV 321).

Assim também, desloca os episódios da *Odisséia*, por exemplo, naquele do choro de Enéias. Ora, assim como, na *Odisséia*, depois que se bebeu e comeu (VIII 72), um cantor, Demódoco, intervém (VIII 43-5, 62-82, 266-369, 499-520), assim, na *Eneida*, depois do repasto (I 723), um cantor, Iopas, intervém (I 740-7). Porém, ao passo que, na *Odisséia*, na primeira e última intervenção do cantor, Odisseu chora (VIII 83-95, 521-2, 531-4), na *Eneida*, todavia, nada semelhante se diz de Enéias. Vergílio, porém, desloca o choro para outro episódio, isto é, para aquele em que Enéias repassa as minúcias do templo de Juno e admira o labor dos artífices que o decoram (I 453-6) e, então, chora (I 465, 470, 485). O que enseja o deslocamento, porém, é a semelhança entre os casos cantados por Demódoco na

*Odisséia* e os casos figurados pelos artífices na *Eneida*. De fato, na *Odisséia*, Odisseu chora porque o canto de Demódoco o faz reviver casos dolorosos do cerco de Tróia, em particular, casos em que ele teve grande parte, a saber: na rixa entre ele e Aquiles (VIII 75) e no cavalo de pau (VIII 502-3, 512, 517); assim também, na *Eneida*, Enéias chora porque vê, nas pinturas dos artífices, a guerra de Tróia (I 456-7), em particular, sua participação nela, por exemplo, quando se reconhece misturado aos príncipes aqueus (I 488).

O episódio da estada de Enéias na cidade de Dido, Cartago, lembra aquele da estada de Odisseu na ilha de Calipso, Ogígia. Daí, assim como, na *Odisséia*, Atena se queixa a Zeus de que uma filha de Atlante encanta Odisseu com palavras moles e maviosas, a fim de que ele se esqueça de Ítaca (I 56-7), assim, na *Eneida*, Vênus revela a Amor o receio de que Dido demore Enéias com palavras brandas, de modo que ele se desvie da Itália para a Líbia (I 670-2; cf. IV 96-7, 105-6). Daí também, assim como, na *Odisséia*, Hermes, a mando de Zeus, intervém no prosseguimento da viagem de Odisseu (I 81-7; V 29-31, 99-113), assim, na *Eneida*, Mercúrio, a mando de Júpiter, intervém no prosseguimento da viagem de Enéias (IV 238-9, 268-9). Aqui, porém, Vergílio, primeiro, inverte o sentido do episódio. Pois, ao passo que, na *Odisséia*, Hermes vai até Calipso (V 55-8, 76-8), e não até Odisseu (V 81-3), adverti-la de que é vontade de Zeus que Odisseu deixe a ilha e prossiga em sua viagem (V 105-13), na *Eneida*, Mercúrio vai até Enéias (IV 259-61), e não até Dido, adverti-lo de que é vontade de Júpiter que ele prossiga em sua viagem (IV 270-6). Isso, decerto, porque, de um lado, Odisseu, na ilha, vive infeliz (I 48-50) e a cada dia chora (V 82-3, 156-8) e só quer tornar para rever o fumo de sua terra (I 55-9), e, de outro lado, Enéias, em Cartago, de tal modo se entretém com a construção da cidade, qual esposo da rainha, que se esquece do reino da Itália (IV 265-7, 273-6; cf. VI 694). Demais, Vergílio mistura os episódios. Pois o modo como Dido se despede de Enéias lembra, não o modo como Calipso se despede de Odisseu ainda no “Canto V” da *Odisséia*, mas o modo como Polifemo o faz já no “Canto IX”. Pois, assim como aqui Polifemo, ludibriado pelo dolo de Odisseu (IX 408), invoca Posidão, rogando-lhe que, se é o quinhão de Odisseu retornar a casa, só o faça todavia depois de enfrentar males (IX 528-35), assim na *Eneida* Dido, ludibriada pela infidelidade de Enéias (IV 373, 421, 431, 597), invoca Sol, Juno, Hécate e Diras, rogando-lhes que, se os fados de Júpiter determinam que Enéias atinja os portos da Itália, só o faça todavia depois de enfrentar males (IV 612-20, cf. 382-6).

O Palinuro dos “Cantos V e VI” da *Eneida* lembra o Elpénor dos “Cantos X e XI” da *Odisséia*, seja pelo modo como desaparece ao morrer, seja pelo modo como reaparece depois de morto, como se vê do cotejo:

na *Eneida*, 1º Palinuro, bem que precavido (V 848-51, VI 338), é rendido por Sono, e da alta popa (V 841) é precipitado por esse nas ondas aquosas (V 835-61; VI 337-9); 2º após Enéias com a espada afastar sombras (VI 285-94, cf. 260) e, auxiliado pelos seus, sacrificar animais a Hécate, Noite, Terra, Prosérpina, um dos quais ele próprio degola com sua espada (VI 243-54), e aproximar-se do rio Aqueronte e da barca de Caronte (VI 295-336, 384-416), ele admira as almas de mães e varões, de grandes heróis, de meninos e meninas inuptas (VI 305-8), e Palinuro chega-se até ele (VI 337); 3º Palinuro, primeiro, explica a causa de sua morte, dizendo que morreu, não pela mão de um deus, mas pelo revés do leme (VI 358-9), e, depois, roga Enéias que o enterre (VI 363-71);

na *Odisséia*, 1º Elpénor, porque insensato (X 553), é levado pelo torpor do vinho a ir refrescar-se no topo dos domicílios sagrados de Circe e de lá cai (X 552-60); 2º após Odisseu, auxiliado pelos seus, sacrificar animais aos mortos, um dos quais ele mesmo degola com sua espada (XI 23-36), e também a Ades e Perséfone (XI 44-50), congregam-se ante ele almas de noivas, de moços, de velhos, de virgens (XI 36-43), e, após Odisseu, auxiliado pelos seus, sacrificar animais a Ades e Perséfone e com a espada afastar os mortos (XI 44-50), a alma de Elpénor vem até ele (XI 51); 3º Elpénor, primeiro, explica a causa de sua morte, dizendo que morreu, não pela decisão de um gênio, mas pela quantidade de vinho (XI 61), e narrando o acidente que lhe tirou a vida (XI 62-5), e depois roga Odisseu que o não deixe insepulto, mas lhe dê um túmulo (XI 69-78).

A par das evidentes semelhanças, porém, é de reparar numa dessemelhança. Pois, na *Eneida*, a sibila primeiro censura os rogos de Palinuro, mas depois consola-o, dizendo que povos vizinhos lhe darão um túmulo, e que o lugar fará eterno o nome de Palinuro (VI 372-81), ao passo que, na *Odisséia*, Odisseu, incontinente, responde a Elpénor que terminará e concluirá o que esse lhe roga (XI 80), promessa que de fato cumpre (XII 10-7).

## 2.2. dependência da segunda metade da *Eneida* para a *Ilíada*

Antes de tudo, chamam a atenção os dois catálogos de soldados da segunda metade da *Eneida*, a saber: o de aliados de Turno (VII 647-817) e o de aliados de Enéias (X 166-212), porque lembram os dois catálogos da *Ilíada*, a saber: o de lânaos, seja o das naus (II 494-759) seja o dos cavalos (II 763-85), e o de troianos (II 816-77). Antes de tudo, porém, é de reparar que, ao passo que o catálogo de

troianos se segue imediatamente ao de dânaos no “Canto II” da *Ilíada*, na *Eneida* todavia os catálogos estão apartados um do outro, ou melhor, os aliados de Turno são arrolados no “Canto VII”, e os de Enéias, no “Canto X”. Demais, os catálogos da *Eneida* ora se aproximam dos da *Ilíada* ora se afastam desses. Pois, de um lado, o catálogo dos aliados de Turno parece obedecer a alguma ordem geográfica, assim como o dos dânaos, na medida em que Vergílio arrola aqueles passando dos mais ocidentais aos mais orientais,<sup>24</sup> e Homero arrola os dânaos segundo espiral geográfica.<sup>25</sup> De outro lado, Vergílio inverte a natureza dos catálogos de Homero, ou melhor, ao passo que, na *Eneida*, o troiano Enéias torna ao acampamento numa nau, à frente de uma esquadra, para combater o inimigo em terra, na *Ilíada* todavia os dânaos é que chegam em naus, e os troianos é que estão em terra.

O episódio da convocação de Diomedes lembra o da convocação de Aquiles do “Canto IX” da *Ilíada*, como se vê do cotejo:

na *Eneida*, 1º envia-se Vênulo à cidade de Diomedes para pedir-lhe auxílio (VIII 9-17); 2º Vênulo oferece presentes a Diomedes (XI 249); 3º Diomedes manda que dirijam tais presentes a Enéias (XI 281-2) e, ademais, aconselha os latinos a dar as mãos a Enéias e precavê-os de competir com ele em armas (XI 292-3);

na *Ilíada*, 1º pede-se a Odisseu que vá à tenda de Aquiles para persuadi-lo (IX 162-84); 2º Odisseu arrola os dons que Agamêmnon prometera para Aquiles em sua tenda (IX 260-99; cf. 121-57); 3º Aquiles diz que tais dons lhe são hostis (IX 378-409) e, ademais, aconselha os outros a navegar de volta a casa, porque não verão o termo da escarpada Ílio (XI 417-26).

Aqui, porém, é de reparar em duas dessemelhanças. Em primeiro lugar, ao passo que, na *Ilíada*, Homero narra num único canto todo o episódio da convocação de Aquiles, ou melhor, narra no “Canto IX” o envio de Odisseu e outros (IX 162-84), a chegada desses à tenda de Aquiles (IX 185-93), a recusa desse (IX 307-429, 606-19, 643-55), o retorno de Odisseu e outros às naus (IX 656-7) e o relato da recusa de Aquiles (IX 669-92), na *Eneida*, todavia, Vergílio narra, no “Canto VIII”, o envio de Vênulo (VIII 9-17) e, no “Canto XI”, o retorno desse (XI 225-7) e o relato da recusa de Diomedes (XI 227-30, 239-95). Em segundo lugar, o mesmo Diomedes, que, na *Eneida*, declara que não terá mais guerra com os teucros (XI 278-80) e, ademais, precavê os latinos de competir com Enéias em armas (XI 292-3), é que, todavia, no “Canto IX” da *Ilíada*, quando Agamêmnon exorta os aqueus a fugir, por não poder capturar-se Tróia (IX 27-8), se opõe ao Atrides, insistindo na valentia dos filhos dos aqueus e dizendo mesmo que, se as naus de Agamêmnon

preferirem retornar a Micenas, ficarão os outros, ou ainda, se também esses preferirem fugir para a pátria, ficarão ele e Estênelo, sós, para descobrir o termo de Ílio (XI 31-49). Assim, pois, Vergílio, em primeiro lugar, desmembra o episódio da *Iliada* e, em segundo lugar, inverte-lhe o sentido.

No episódio da visita de Enéias a Evandro Vergílio mistura dois episódios da *Iliada*. Pois, de um lado, assim como, no “Canto XI” da *Iliada*, Menelau, ao receber a visita de Pátroclo (XI 644-55), rememora primeiro um caso de sua juventude (cf. XI 670: *hebóoimi*) – isto é, a rixa com os eleios (XI 671), a luta com os epeios (XI 732) –, e depois outro, em que esteve ao lado do pai de Pátroclo, Menécio (XI 765-803), assim, na *Eneida*, Evandro, ao receber a visita de Enéias, rememora um caso de sua juventude (cf. VIII 160: *juventas*; 163: *juvenali*), em que lutou sob os muros de Feneu ao lado do pai de Enéias, Anquises (VIII 157-68). De outro lado, assim como, no “Canto X” da *Iliada*, Menelau cobre o largo peito com pele de leopardo e segura com mão pesada a lança, para ir acordar o irmão, e todavia o encontra já em armas ainda de noite (X 29-41; cf. 124), assim, na *Eneida*, Evandro, tão logo raia a manhã, prende aos ombros a espada tegéia e faz pender do lado esquerdo pele de pantera, para ir até Enéias, que todavia não é menos madrugador que ele (VIII 455-65).<sup>26</sup>

O episódio de Niso e Euríalo do “Canto IX” da *Eneida* lembra o de Diomedes e Odisseu do “Canto X” da *Iliada*, como se vê do cotejo:

na *Eneida*, 1º enquanto os outros viventes relaxam as inquietações graças ao sono (IX 224-5), Niso, inquieto com a confiança dos rútuos (IX 188), de Turno (IX 126; cf. 47-68), revela a Euríalo seu desejo de encontrar uma via até os muros e muralhas palantéias (IX 195-6), e aquele oferece-se para juntar-se a ele na suma empresa (IX 197-221); 2º os principais chefes dos teucros fazem reunião de conselho sobre quem será o mensageiro que enviarão a Enéias (IX 226-8); 3º [= 4º *Il.*] Niso junto com Euríalo rogam que sejam admitidos na reunião (IX 230-2) e, daí, que lhes permitam tentar a fortuna para ir procurar Enéias e as muralhas palantéias (IX 240-1); 4º [= 3º *Il.*] Aletes acena com prêmios (IX 252-6), e Ascânio promete muitos e grandes dons (IX 263-302); 5º Iulo dá a Euríalo espada (IX 303-5), e Mnesteu dá a Niso pele de leão (IX 306-7), e Aletes troca o elmo com ele (IX 307);

na *Iliada*, 1º enquanto os melhores dos aqueus estão domados pelo mole sono (X 1-2), Agamêmnon, inquieto com os feitos de Héctor (X 46-52; cf. 104-5, 200-1), primeiro, medita um modo de afastar dos males todos os dânaos (X 19-20); depois, recebe a visita de Menelau (X 34-6; cf. 124), a quem manda chamar

todos, fazê-los despertar (X 67; cf. 125); enfim, vai até Néstor (X 73), que o exorta a despertar os outros (X 108), o que ambos fazem, despertando do sono Odisseu (X 137-49), Diomedes (X 150-79); 2º depois que todos se assentaram, Néstor avança uma fala em que indaga quem se fiaria do peito que ousasse ir até os troianos auscultá-los (X 204-12); 3º [= 4º Aen.] Néstor acena com dons, assim: os melhores de todos, quantos comandam as naus, dariam, cada um, uma ovelha de pêlo negro lactante (X 213-7); 4º [= 3º Aen.] Diomedes apresenta-se, mas solicita que alguém o acompanhe (X 218-26), e esse é Odisseu (X 240-53); 5º Trasimedes dá a Diomedes espada, escudo e elmo, e Meríones dá a Odisseu arco e flecha, espada e elmo (X 254-65).

Daí, o passo em que Niso mata Remo, arrancando-lhe a cabeça e deixando o tronco a golpear sangue (IX 332-4), depende do passo do “Canto X” da *Iliada* em que Diomedes golpeia Dolão no meio do pescoço, de maneira a cortar-lhe os dois tendões e a fazer rolar na poeira a cabeça dele, que ainda falava (X 454-7). Daí também, o passo em que, ao chegar aos ouvidos da mãe a notícia da morte de Euríalo, o calor lhe abandona os membros, a lançaadeira lhe cai das mãos, e ela, com ululo, demente, corre para os muros e para as primeiras fileiras de varões (IX 473-80), depende do passo do “Canto XXII” da *Iliada* em que, ao ouvir um ululo, a esposa, Andrômaca, suspeita que algum mal ronde o filho de Príamo, de maneira que as pernas lhe tremem, a lançaadeira cai por terra (XXII 447-8), e ela, demente, se abala para a torre e a turba de varões e, daí, mira o muro (XXII 462-3). Assim, pois, Vergílio mistura os episódios da *Iliada*.

Ademais, muito do “Canto IX” que antecede ou sucede o episódio de Niso e Euríalo lembra passos da *Iliada*; por exemplo, as investidas de Turno sobre as naus, primeiro, e sobre os muros troianos, depois, lembram as investidas de Héctor sobre os muros e naus aquéias dos “Cantos XII-XV” da *Iliada*. Pois, assim como, na *Iliada*, Zeus manda Apolo para junto de Héctor inculir-lhe vigor (XV 220-35; cf. 243-61, 269-70, 326-7), e aquele pergunta a Héctor por que está abatido (XV 244-5), assim, na *Eneida*, Juno manda Íride do céu até Turno (IX 2-3), e aquela pergunta a Turno por que hesita (IX 12-3). Aqui, porém, Vergílio mistura outro passo da *Iliada*; pois o modo como Juno envia Íride do céu até Turno (IX 2-3), e esse pergunta quem a enviou das nuvens até ele (IX 18-9), lembra o modo como Hera envia Íride até o filho de Peleu (XVIII 166-8), e Aquiles pergunta qual dos deuses a enviou, mensageira, até ele (XVIII 182). E assim como, após Héctor conclamar os seus à luta (XII 243-51), esses o acompanham com vagido divino (XII 251-2), assim, após Turno convidar os seus a ir contra o inimigo (IX 51-2), os

companheiros clamam e o seguem com horrísono frêmito (IX 54-5). E assim como Héctor instiga os troianos a queimar as naus e matar os dânaos (XV 701-2, 718, 743-4; XII 438-41), assim Turno investe contra a frota dos troianos e pede aos companheiros fogos e lança mão de pinho ardente (IX 69-72). E assim como as portas dos aqueus são vigiadas por dois, Polipetes e Leonteu, semelhantes aos carvalhos de altiva copa das montanhas (XII 127-34), assim as portas dos troianos são fechadas por dois, Pândaro e Bítias, iguais aos abetos e montes pátrios (IX 672-6). E assim como Ásio aproveita das portas abertas para forçar entrada (XII 120-6), assim os rútuos irrompem tão logo vêem passagem aberta (IX 683), e o rei rútuolo irrompe e é fechado na cidade (IX 728-9). E assim como Ajante reage ao avanço de Héctor, bradando aos dânaos que tenham coragem, pois que não têm defensores ou algum muro que afaste dos varões a calamidade (XV 733-6), assim Mnesteu reage à invasão de Turno, dizendo aos seus que não devem fugir, pois que não têm outros muros ou ainda muralhas (IX 781-2).

O concílio dos deuses descrito no “Canto X” da *Eneida* (1-117; cf. v. 2: *concilium vocat*) lembra, confusamente, uma e outra das congregações dos deuses descritas na *Ilíada* nos cantos I (v. 493-611), IV (v. 1-72; cf. v. 1: *theoi egoróonto*), VIII (v. 1-40; cf. v. 2: *theôn agorèn*) e XX (v. 1-40; cf. v. 4: *éleuse theoùs agorénde*; 13: *agegérat*; 16: *theoùs agorénde kálessas*), como se vê do cotejo:

na *Eneida*, 1º Júpiter proibira os deuses de fazer a Itália concorrer com os teucros em guerra, mas os deuses desobedeceram ao veto de Júpiter (X 6-15); 2º os celículas fremem após ouvir Juno (X 96: *fremebant*); 3º Júpiter cobra a paz aos deuses (X 8-10), mas, por oposição de Vênus (X 16-62) e, daí, por dissensão dessa e de Juno (X 62-95), acaba por ceder à guerra (X 100-13);

na *Ilíada*, 1º Zeus ameaça os deuses que queiram ajudar ou seja a troianos ou seja a dânaos (VIII 5-17), mas os deuses acabam por descumprir as palavras de Zeus (XIV 357-60; XV 6-8, 41-4); 2º Atenéia e Hera murmuram após ouvir Zeus (IV 20: *epémuxan*); 3º Zeus aceria com o fim da guerra (IV 14-9), mas, por oposição de Hera, acaba por ceder à guerra (IV 20-38).

Na *Ilíada*, durante o combate travado à beira do rio Xanto (XXI 1-2), Aquiles tira do rio doze moços, a fim de vingar a morte de Pátroclo atirando-os na pira desse (XVIII 336-7), que lhe fora confiado pelo pai (XVIII 324-7; XXI 27-8); antes, porém, encontra-se com Licáão (XXI 34-5), e esse, a abraçar os joelhos de Aquiles, pede que lhe poupe a vida em troca de pagamento (XXI 74-96), mas Aquiles, de pronto, recusa-lhe a súplica (XXI 99-113) e, daí, golpeia-o na clavícula.



la, junto à garganta (XXI 116-8); enfim, abate com o bronze os doze filhos nobres de magnânimos troianos e lança-os à pira (XXIII 22-3, 173-6, 181-2). Ora, na *Eneida*, durante o combate junto ao litoral (cf. X 268, 290, 309), Enéias arrebatava oito jovens (X 517-9), a fim de vingar a morte de Palante imolando-os em nome desse (X 519-20; XI 81-4), que lhe fora confiado pelo pai (VIII 514-7; cf. X 515-7; XI 54, 164-6); antes, porém, rende Mago, e esse, a abraçar os joelhos de Enéias, suplicante, pede que lhe poupe a vida em troca de pagamento (X 523-9), mas Enéias, de pronto, recusa-lhe a súplica e, daí, dobra-lhe a cerviz e enfia a espada (X 530-6).

No episódio da sombra de Enéias simulada por Juno Vergílio mistura dois episódios da *Ilíada*. Pois, de um lado, assim como, no “Canto V” da *Ilíada*, Apolo fabrica, à imagem de Enéias, espectro, em torno do qual troianos e divinos aqueus se enfrentam uns aos outros (V 449-53), assim, na *Eneida*, Juno faz assemelhar-se a Enéias uma sombra (X 636-40), que Turno insta e agride (X 645-6). De outro lado, assim como, no “Canto XXI” da *Ilíada*, Aquiles, ao perseguir Apolo, que a ele se apresentara à imagem de Agênor, deste se afasta (XXI 599-605; cf. III 379-82, 449-54), assim, na *Eneida*, Turno, ao perseguir a sombra que Juno fizera assemelhar-se a Enéias, deste se afasta (X 646-64).

O enterro dos companheiros narrado no “Canto XI” da *Eneida* lembra, igualmente, dois episódios da *Ilíada*. Assim, no todo, lembra o episódio do “Canto VII” da *Ilíada*, em que aqueus e troianos interrompem a batalha para enterrar seus mortos, como se vê do cotejo:

na *Eneida*, 1º da cidade latina chegam porta-vozes, a rogar vênias para dar sepultura aos corpos que jazem pelos campos (XI 100-3); 2º Enéias deixa-os ir, para que façam fogueira para os mortos (XI 119); 3º teucros e latinos, misturados, erram pelos picos, onde derrubam árvores (XI 134-8); 4º construídas as piras, queimam-se os corpos, e os troianos três vezes correm aos redor desses, três vezes os circundam em cavalos (XI 184-90), e os latinos cremam ingente pilha de cadáveres confusos, sem distingui-los pela ordem nem pelas honras (XI 207-8);

na *Ilíada*, 1º Príamo remete Ideu às curvas naus, para rogar que cesse a batalha até que tenham enterrado os mortos (VII 375-8, 381-3, 394-7); 2º Agamêmnon não se opõe a que se façam as piras (VII 408-10); 3º troianos e dardaniões recolhem mortos e cortam lenha; assim também, os argeios (VII 417-20); 4º uns e outros queimam os mortos na pira, e dificilmente se reconhece cada um desses (VII 423-32).

Aquilo, porém, de três vezes rodear os mortos não está no “Canto VII” da *Iliada*, mas no episódio do “Canto XXIII”, em que os mirmídones impelem os cavalos belacrina à roda do corpo de Pátroclo (XXIII 13-4).

No combate singular de Enéias e Turno Vergílio mistura muitos episódios da *Iliada*, entre os quais dois todavia sobressaem, a saber: o combate singular de Menelau e Alexandro e o combate singular de Aquiles e Héctor. Assim, de um lado, a primeira mistura vê-se do cotejo:

1º [*Aen.*] Turno regozija-se como certo leão (XII 4-9) = [*Il.*] Menelau alegra-se como certo leão (III 23-6);

2º [*Aen.*] instigado por Enéias (cf. XI 113-8; XII 694-5), Turno aceita lutar, só, com ele, por Lavínia (XII 11-7, 75-80), e manda Idmão anunciar ao rei frígio sua decisão (XII 75-6) = [*Il.*] Alexandro propõe-se lutar, só, com Menelau, por Hêlêna (III 67-75), e Héctor refere a troianos e aqueus a proposta de Alexandro (III 85-94; cf. 136-8);

3º [*Aen.*] a legião dos ausônides e os troianos e tirrenos ficam frente a frente (XII 121-5) = [*Il.*] troianos e argeios ficam frente a frente (III 15);

4º [*Aen.*] do cume do monte Albano (XII 134-5), Juno convida Juturna a arrebatá-lo à morte o irmão, Turno, e a conturbar o pacto selado, incitando a guerra (XII 151-9) = [*Il.*] assentados os deuses no piso dourado (IV 1-2), Hera obtém de Zeus remeter Atena aos aqueus e troianos, para ver se faz estes infligir dano àqueles, contrariamente ao pacto e acordo de ambos (IV 64-72);

5º [*Aen.*] Juno diz que não pode olhar com os próprios olhos o combate nem os pactos (XII 151) = [*Il.*] Príamo diz que não tolerará ver com os próprios olhos o amado filho atracado com Menelau (III 303-9);

6º [*Aen.*] para selar o pacto de paz, primeiro, Enéias procede ao sacrifício, desembainhando a espada (XII 175), invocando Sol e Terra, Júpiter e Juno, Mavorte e Fontes e Rios e os que têm o éter e os numes do mar (XII 176-82), declarando os termos do pacto (XII 183-94); depois, Latino segue-o (XII 195-211); enfim, degolam reses e a elas, vivas, arrancam as vísceras (XII 212-5) = [*Il.*] para selar o acordo de paz, primeiro, Menelau manda os troianos oferecer um carneiro branco e outro negro a Terra e Sol, e os argeios, outro carneiro a Zeus (III 103-20; cf. 245-7); depois, Agamêmnon procede ao sacrifício, erguendo grande cutelo, invocando Zeus e Sol, Rios e Terra, declarando os termos do acordo, talhando os carneiros desde as entranhas com o bronze impiedoso, vertendo vinho (III 271-96); enfim, cada um dos aqueus e dos troianos segue-o (III 297-301, cf. 319-23);

7º [Aen.] Juturna, primeiro, simulando a forma de Camerte (XII 224), lança-se para o meio do fronte e fala aos rútuos, de maneira a semear rumores (XII 227-43), e, depois, dá-lhes um sinal no céu, isto é, uma águia que persegue outras aves, de modo a turbar as mentes (XII 244-56) = [Il.] Atena lança-se do Olimpo, como estrela cadente (IV 73-5), para o meio dos troianos e aqueus (IV 77-8) e, à imagem de Laódoco (IV 86-7), instiga Pândaro a flechar Menelau (IV 93-104);

8º [Aen.] primeiro, Tolúmnio interpreta o sinal como augúrio de guerra e, daí, atira uma lança contra os troianos (XII 258-68), de maneira que o pacto se desfaz (XII 286, 290); depois, uma seta atinge Enéias (XII 318-9) = [Il.] troianos e aqueus interpretam a estrela como augúrio de batalha (IV 81-4; cf. 76; XII 200-9), e a flecha de Pândaro arranha a pele de Menelau (IV 112-40; cf. 190-1), de maneira que o acordo se desfaz (IV 155-9, 236);

9º [Aen.] Enéias pede a via mais curta para auxiliá-lo (XII 387-90; cf. 388: *proxima*), e Iulo chora de ver o pai, fremente (XII 399-400) = [Il.] Agamêmnon gela de ver escorrer o sangue de Menelau (IV 148-50; cf. 140) e manda Taltíbio chamar o médico Macáão muito rapidamente (IV 188-97; cf. 193: *tákhista*);

10º [Aen.] o médico Iápipe cuida do ferimento de Enéias (XII 400-7; cf. 391-7), quando sobrevêm cavaleiros e caem dardos (XII 407-10) = [Il.] Macáão cuida do ferimento de Menelau (IV 210-20), quando se aproximam linhas de troianos (IV 221-2);

11º [Aen.] assim que pode, Enéias sai pelas portas (XII 441-5) = [Il.] assim que pode, Menelau corre para o combate (IV 223-5);

12º [Aen.] Enéias procura Turno em meio à densa poeira (XII 466-7); a ninfa Juturna desvia o carro de Turno para longe (XII 468-80, 483-5); Enéias roda tortuosamente à procura de Turno (XII 481-3) = [Il.] a deusa Afrofite esconde Alexandro em muita névoa (III 380-1), e Menelau vai e vem, semelhante a fera, à procura de Alexandro (III 449-54).

Ora, de um lado, Vergílio obedece à ordem dos episódios, ou melhor, apõe o episódio do rompimento do pacto, que pertence ao “Canto IV” da *Iliada*, ao episódio do combate singular de Menelau e Alexandro, que pertence ao “Canto III” da *Iliada*, não seja por dois passos. Pois, primeiro, o passo em que Hera obtém de Zeus remeter Atena aos aqueus e troianos, que pertence ao “Canto IV” da *Iliada*, Vergílio antecipa-o no 4º passo de sua narração, em que ainda imita o “Canto III” da *Iliada*; depois, o passo em que Afrofite esconde Alexandro em muita névoa, e Menelau vai e vem à procura dele, que pertence ao “Canto III” da *Iliada*, Vergílio retarda-o

no 12º passo de sua narração, em que já imita o “Canto IV” da *Ilíada*. De outro lado, dos passos de que se constituem os “Cantos III e IV” da *Ilíada*, Vergílio, em sua narração, mantém a ordem dos passos do “Canto IV”, baralha os do “Canto III”; mais precisamente, dispõe-nos de modo que o 1º passo de sua narração corresponda ao 2º passo da narração da *Ilíada*, e o 2º ao 3º, e o 3º ao 1º, e o 4º ao 7º, e o 5º ao 5º, e o 6º ao 4º, e o 7º ao 8º, e o 8º ao 9º, e o 9º ao 10º, e o 10º ao 11º, e o 11º ao 12º, e o 12º ao 6º. Ademais, nesses passos dos “Cantos III e IV” Vergílio mistura passos de outros cantos da *Ilíada*; assim, a intervenção médica de Iápige, por exemplo, lembra não só a de Macáon, do “Canto IV” da *Ilíada*, mas a de Pátroclo, do “Canto XI”, e a de Apolo, do “Canto XVI”. De fato, assim como Eurípilo pede a Pátroclo que lhe extraia da coxa a flecha (XI 828-32; cf. XV 390-4; XVI 27), assim Iápige puxa com a destra a seta que atingira Enéias (XII 403-4), e assim como não cessa a dor aguda do ferimento de Glauco, nem pode conter-se o sangue, até que intervém a divindade, Apolo (XVI 513-29), assim não foge a dor indigna do ferimento de Enéias, nem estanca o sangue, até que intervém a divindade, não Apolo todavia (XII 405-6), mas Vênus (XII 411-29).

De outro lado, a dependência do combate singular de Enéias e Turno para o combate singular de Aquiles e Héctor vê-se do cotejo:

1º [Aen.] o rei e a rainha insistem para que Turno desista: primeiro, Latino (XII 19-53), depois, Amata (XII 56-63) = [Il.] o rei e a rainha insistem para que Héctor recue: primeiro, Príamo (XXII 38-76), depois, Hécuba (XXII 82-9);

2º [Aen.] deparam-se Enéias e Turno; ambos, porém, lutam bravamente (XII 710-24), até que a espada de Turno se quebra contra as armas vulcânicas de Enéias, de modo a obrigá-lo à fuga (XII 728-45); Enéias sai no encalço de Turno (XII 746-65), e ambos completam cinco voltas ao redor da cidade (XII 763-4), a disputar, não prêmios levianos, mas a vida de Turno (XII 764-5); Enéias ameaça de morte aquele que interferir (XII 760-1) = [Il.] deparam-se Aquiles e Héctor; este, porém, tão logo vê aquele, é tomado por temor e foge (XXII 136-7); Aquiles lança-se à perseguição de Héctor (XXII 138-66), e ambos correm três vezes ao redor da cidade de Príamo (XXII 165-6, 208, 250-1), a disputar, não prêmios vulgares, mas a vida de Héctor (XXII 159-61); Aquiles acena à gente para que não interfira (XXII 205-7);

3º [Aen.] Júpiter sustém balança e nela põe os fados diversos de Enéias e Turno (XII 725-7) = [Il.] Zeus sustém balança dourada e nela põe as Queres de morte de Aquiles e Héctor (XXII 209-13);

4° [Aen.] Júpiter e Juno ponderam sobre o adiamento da morte de Turno (XII 791-842); Júpiter remete uma das Diras e ordena que se apresente a Juturna como augúrio (XII 843-54), e Dira voa para a terra (XII 855) = [Il.] Zeus e Atena ponderam sobre o adiamento da morte de Héctor (XXII 166-81); Zeus permite a Atena intervir como queira (XXII 182-5), e Atena precipita-se do Olimpo (XXII 186-7);

5° [Aen.] Turno é alcançado por Enéias (XII 887-93, 914-8), sentindo as palavras e as forças faltar – como nos sonhos em que tentamos correr, e sucumbimos em meio aos esforços (XII 902-12) – e percebendo-se abandonado pelos deuses (XII 894-5, 913-4); Enéias corusca a lança fatal, que atravessa a coxa de Turno (XII 919-27); Turno, suplicante, pede a Enéias que, depois de o matar, restitua o corpo aos dele (XII 930-8), mas Enéias, à vista dos despojos de Palante, em nome desse imola Turno (XII 938-52; cf. XI 177-81) = [Il.] Héctor ainda foge de Aquiles (XXII 188-98) – como no sonho em que nem um pode com os pés escapar, nem o outro, alcançar (XXII 199-201) –, até que é abandonado por Febo Apolo (XXII 213) e por Zeus (XXII 297-303); Aquiles arremessa a lança, de que, todavia, Héctor se esquiva (XXII 273-6); Héctor investe com a espada afiada (XXII 306-11), vestido com as armas brônzeas de Pátroclo (XXII 322-3), mas Aquiles atravessa-lhe o pescoço com a lança (XXII 326-7); Aquiles declara que o matará para vingar Pátroclo (XXII 331-5); Héctor, porém, pede-lhe que não abandone o corpo aos cães e aves, mas o restitua ao pai e à mãe pelo preço de bronze e ouro (XXII 337-43); Aquiles, enfim, olhando-o de través, recusa veementemente (XXII 344-54).

Ora, nesses episódios do “Canto XXII” Vergílio igualmente mistura episódios de outros cantos da *Iliada*. Assim, o passo em que se descreve o fogo emitido dos olhos acerbos de Turno (XII 101-2) quando esse se arma para a luta (XII 87-95) lembra aquele do “Canto XIX” da *Iliada* em que se descreve o fogo lampejado pelos olhos de Aquiles (XIX 365-6) quando esse se arma para a luta (XIX 364, 367-91). Assim também, o passo em que Turno, depois de os derrubar do cavalo, fere, a um tempo só, Ámico e o irmão Diore, a um com o pique, e ao outro com o sabre (XII 509-11; cf. 341-2), lembra aquele do “Canto XX” da *Iliada* em que Aquiles, depois de os derrubar do cavalo, fere, a um tempo só, os irmãos Laógono e Dárdano, a percutir um com a lança, e a golpear o outro com a espada (XX 460-2). Assim também, o passo em que Turno atira em Enéias aquela ingente rocha que doze homens mal suportariam (XII 896-907) lembra aquele do “Canto V” da *Iliada* em que o Tidides lança em Enéias aquele rochedo que dois varões, “quais os que agora são”, não suportariam (V 302-10), se não aquele outro do “Canto XXI”

da *Ilíada* em que o mesmo Enéias lança em Aquiles aquela pedra que dois varões, “quais os que agora são”, não suportariam (XX 285-9; cf. XII 445-62; XXI 403-8).

### 2.3. dependências contrárias das partes da *Eneida* para a *Ilíada* e *Odisséia*

A par das dependências assinaladas da primeira e segunda parte da *Eneida*, respectivamente, para a *Odisséia* e *Ilíada*, outras há, porém, contrárias a essas, seja porque um episódio da primeira parte da *Eneida* lembra um episódio da *Ilíada*, seja porque num episódio da segunda parte da *Eneida* Vergílio mistura um episódio da *Ilíada*, o que era de esperar, e outro da *Odisséia*, o que pode surpreender.

Assim, o funeral de Pátroclo do “Canto XXIII” da *Ilíada* é rememorado na primeira parte da *Eneida*, em dois lanços, assim: o sepultamento de Pátroclo (XXIII 1-237), no sepultamento de Miseno (VI 149-235), e as competições dos aqueus realizadas em honra do falecido Pátroclo (XXIII 237-897), nos jogos comemorativos do aniversário da morte de Anquises (V 42-603). De maneira que Vergílio inverte a ordem dos episódios da *Ilíada*, antecipando as competições dos aqueus na primeira parte do “Canto V” da *Eneida* e retardando o sepultamento de Pátroclo na primeira parte do “Canto VI”.

Cinco são os jogos do “Canto V” da *Eneida*, a saber: certame naval (V 114-285), corrida a pé (V 286-361), pugilato de cestos (V 362-484), tiro de arco (V 485-544), circunvoluções eqüestres (V 545-603); oito, porém, os do “Canto XXIII” da *Ilíada*, a saber: corrida de carros (XXIII 257-650), pugilato (XXIII 651-99), luta (XXIII 700-39), corrida a pé (XXIII 740-97), luta de armas (XXIII 798-825), arremesso de disco (XXIII 826-49), tiro de arco (XXIII 850-83), arremesso de lança (XXIII 884-97). Comuns à *Eneida* e *Ilíada*, pois, são a corrida a pé, o pugilato e o tiro de arco; permutados num e noutro, o certame naval da *Eneida* e a corrida de carros da *Ilíada*; próprias da *Eneida*, as circunvoluções eqüestres; próprias da *Ilíada*, a luta de armas, o arremesso de disco e o arremesso de lança. Os jogos anunciados por Enéias no início do “Canto V” da *Eneida*, por sua vez, são cinco, como os descritos na seqüência, mas não correspondem aos mesmos cinco, uma vez que constam de certame naval, corrida a pé, arremesso de lança, tiro de arco, pugilato de cestos (V 66-70), de modo a aproximar-se, por causa da substituição das circunvoluções eqüestres pelo arremesso de lança, aos jogos descritos no “Canto XXIII” da *Ilíada* (cf. XXIII 621-3, 634-40).

Antes de cada jogo, tanto Enéias como Aquiles arrolam os prêmios reservados aos vencedores. Assim, antes do certame naval, Enéias coloca em meio a

um círculo as remunerações, em particular, trípodes sagradas (V 109-13); antes da corrida de carros, Aquiles traz para o amplo círculo em que assentara a gente os prêmios, em particular, trípodes (XXIII 257-70). Antes da corrida a pé, arrolam os prêmios dos três primeiros colocados tanto Enéias (V 310-4) como Aquiles (XXIII 740-51). Antes do pugilato de cestos, Enéias distingue as honras do vencedor e as do vencido, respectivamente, um novilho e uma espada e elmo (V 365-7); antes do pugilato, Aquiles distingue os prêmios do vencedor e os do vencido, respectivamente, uma mula e uma copa (XXIII 653-6). Antes do tiro de arco, propõem os prêmios tanto Enéias (cf. V 486: *ponit*) como Aquiles (cf. XXIII 850: *títhei*, 851: *etíthei*). Demais, as intervenções de um e outro são introduzidas, a cada vez, por uma e outra fórmula recorrente. Assim, na *Eneida*, o nome de Enéias recorre no segundo pé do verso quatro vezes, a saber: antes da corrida a pé (V 286: *hoc pius Aeneas [...]*), em meio ao pugilato de cestos (V 461: *tum pater Aeneas [...]*), antes do tiro de arco (V 485: *protinus Aeneas [...]*), antes das circunvoluções eqüestres (V 545: *at pater Aeneas [...]*). Na *Ilíada*, por sua vez, o nome do Peleides recorre no segundo pé do verso quatro vezes, ou melhor, uma vez, com a fórmula: *hòs pháto, Peleídes*, antes do pugilato (XXIII 651), e três vezes, com a fórmula: *autâr Peleídes*, antes da luta de armas (XXIII 798), antes do arremesso de disco (XXIII 826), antes do arremesso de lança (XXIII 884). Demais, o nome do Peleides, de um lado, recorre no primeiro pé do verso duas vezes, com a fórmula: *Peleídes d' aîps' álla*, antes da luta (XXIII 700), antes da corrida a pé (XXIII 740), e o pronome *autâr*, de outro lado, acompanha o nome de Aquileu uma vez, antes da corrida de carros (XXIII 257: [...] *autâr Akhilleüs*), e substitui o nome do Peleides uma vez, antes do tiro de arco (XXIII 850: *autâr [...]*).

O primeiro jogo da *Eneida* lembra o primeiro jogo da *Ilíada*, como se vê do cotejo:

no certame naval da *Eneida*, 1º adentram quatro concorrentes, e arrolam-se os nomes de cada um, bem como os nomes das naus (V 114-23); 2º Enéias institui como sinal aos nautas uma meta verde (V 129-30); 3º os concorrentes escolhem os lugares pela sorte (V 132-3); 4º enquanto os concorrentes esperam o sinal, pulsa-lhes o coração (V 137-8); 5º ao ser ultrapassado por Cloanto, correm lágrimas pelas maçãs de Gias (V 173); 6º Menetes é atirado por Gias da alta popa no mar (V 173-5); 7º Mnesteu, conformado com o apoio de Netuno aos primeiros colocados, exorta os companheiros, já não a vencer, mas ao menos a evitar a última colocação (V 188-97); 8º Cloanto e Mnesteu acaso teriam recebido os prêmios empatados, se aquele não tivesse feito preces e votos aos deuses, e estes o não tivessem ouvido (V 232-43; cf. 325-6);

na corrida de carros da *Ilíada*, 1º agregam-se cinco concorrentes, e arrolam-se os nomes de cada um, bem como os nomes dos cavalos e éguas (XXIII 287-352); 2º Aquiles sinaliza a meta (XXIII 358-9); 3º os concorrentes lançam as sortes para definir as posições de largada (XXIII 352-3); 4º enquanto os concorrentes lutam pela vitória, bate-lhes o coração no peito (XXIII 369-71); 5º ao afastar-se de Eumelo, escorrem lágrimas dos olhos de Diomedes (XXIII 385; cf. 396-7); 6º Eumelo rola para fora da direção por obra de Atena (XXIII 392-7); 7º Antíloco, conformado com o apoio de Atena a Diomedes, grita para os cavalos, a pedir, já não que disputem com eles, mas que ao menos alcancem os de Menelau (XXIII 402-16); 8º Diomedes teria ultrapassado Eumelo, ou a corrida teria ficado indefinida, se Apolo não tivesse intervindo (XXIII 382-4; cf. 526-7).

A corrida a pé da *Eneida* lembra a corrida a pé da *Ilíada*, como se vê do cotejo:

na *Eneida*, 1º dado o sinal, os corredores arrojam-se pelos espaços, de maneira que primeiro vai Niso; depois, Sálío; terceiro, Euríalo; daí, Hélimo; enfim, Diores (V 315-26); 2º Niso, o primeiro, já chega ao fim, quando escorrega no sangue difundido no chão durante a imolação dos novilhos a Anquises (V 327-33; cf. 101); 3º ao ver Niso ostentar a face e os membros turvos de lama, Enéias ri (V 357-8);

na *Ilíada*, 1º depois do sinal, estreita-se a corrida, de maneira que à frente vai Ajante; depois, Odisseu; enfim, Antíloco (XXIII 758-67, 785-6); 2º Ajante, o primeiro, já se atira ao prêmio, quando, impelido por Atena, escorrega no estrume dos bois abatidos por Aquiles em honra de Pátroclo (XXIII 773-6; cf. 30-4, 166-9); 3º ao ver Ajante a cuspir o estrume que lhe enche a boca e as narinas, todos riem (XXIII 777, 781, 784).

Aqui, porém, é de reparar que Vergílio mistura uns episódios da corrida a pé e outros da corrida de carros da *Ilíada*. De fato, na corrida a pé da *Eneida*, Diores já toca o calcanhar de Hélimo com o seu calcanhar, inclinando-se sobre o ombro dele (V 323-5), e, se mais espaços sobrassem, ultrapassá-lo-ia e deixaria a corrida indefinida (V 325-6; cf. 326: *ambiguum*). Porém, é na corrida a pé da *Ilíada*, de um lado, que Odisseu segue de perto Ajante, tocando-o por trás com os pés, soprando-lhe na nuca o hálito (XXIII 763-6); é na corrida de carros da *Ilíada*, de outro lado, que os cavalos de Diomedes seguem de perto Eumelo, soprando-lhe nas costas e ombros, e o teriam ultrapassado, e a corrida teria ficado indefinida, se Apolo



não tivesse intervindo (XXIII 377-84; cf. 382: *amphérison*), ou ainda, que a ponta da crina dos cavalos de Menelau roça os aros das rodas de Antíloco, e aquele teria ultrapassado este, se a corrida se prolongasse para ambos (XXIII 526-7). Demais, na corrida a pé da *Eneida*, a fim de ajudar Euríalo a ultrapassar Sális, Niso obsta a este, soerguendo-se na lama em que escorregara (V 334-6); porém, é na corrida de carros da *Iliada* que, a fim de ultrapassar Menelau, Antíloco maquina intrometer-se num passo estreito da via, de maneira a obstar a Menelau (XXIII 415-47, 514-5). Enfim, na corrida a pé da *Eneida*, Enéias comiserá-se do caso de Sális, de maneira a dar-lhe um prêmio (Aen. V 350-2, 354); Niso, porém, reivindica isonomia (V 353-6), e Enéias ri e atende a reivindicação dele (V 358-60); porém, é na corrida de carros da *Iliada* que Aquiles se consterna ao ver Eumelo, de maneira a dar-lhe um prêmio (II. XXIII 534-8); Antíloco, porém, clama por justiça (XXIII 541-54), e Aquiles sorri e atende a solicitação dele (XXIII 555-62).

O pugilato de cestos da *Eneida* lembra o pugilato da *Iliada*, como se vê do cotejo:

no pugilato de cestos da *Eneida*, 1º Enéias propõe dupla honraria, ao vencedor e ao vencido (V 365-7); sem demora Darete oferece-se (V 368-9), mas ninguém ousa enfrentar o varão (V 378-9), que então toma com a esquerda o prêmio, um touro, e proclama-se vencedor (V 380-5); Acestes repreende o silêncio de Entelo, que enfim se pronuncia (V 387-423); 2º Enéias enfaixa as palmas de ambos com armas parelhas (V 424-5); 3º misturam mãos com mãos (V 426-9); 4º Darete é golpeado com pesados socos (V 458-60), e os fiéis companheiros reconduzem-no às naus, enquanto arrasta os joelhos agravados, joga a cabeça para um e outro lado, expele pela boca sangue grosso, e recebem o prêmio dele (V 468-72);

no pugilato da *Iliada*, 1º Aquiles distingue os prêmios do vencedor e os do vencido e chama dois varões (XXIII 653-63); no mesmo instante ergue-se Epeio (XXIII 664-5), que toca o prêmio, uma mula, e alardeia vitória (XXIII 666-75), mas todos fazem-se mudos, em silêncio (XXIII 676); enfim, afronta-o Euríalo, que o Tidides encoraja (XXIII 677-82); 2º Diomedes envolve a cintura de Euríalo, depois dá-lhe correias bem articuladas de boi selvagem (XXIII 683-4); 3º misturam as mãos pesadas (XXIII 685-9); 4º Euríalo é golpeado, e os amados companheiros conduzem-no pela arena, enquanto arrasta os pés, cospe grosso sangue, balança a cabeça para um e outro lado, e buscam o prêmio dele (XXIII 689-99).

Aqui, porém, é de reparar que Vergílio mistura um episódio da luta da *Iliada*. De fato, no pugilato de cestos da *Eneida*, quando Entelo duplica os golpes contra Darete,

ora com a direita ora com a esquerda (V 455-60), Enéias põe fim à pugna, de maneira a não permitir que a ira prossiga mais longe (V 461-7; cf. 453-4). É na luta da *Iliada*, porém, que Aquiles se levanta (XXIII 734-7), de maneira a conter Ajante e Odisseu, que, depois de cair no chão segunda vez, se enfrentariam terceira vez (XXIII 731-3).

O tiro de arco da *Eneida* lembra o da *Iliada*, como se vê do cotejo:

na *Eneida*, 1º Enéias ergue um mastro e pendura no alto dele uma pomba para onde direcionem as setas (V 487-9); 2º os varões tiram as sortes de um elmo brônzeo (V 490-1); 3º a seta de Hipocoonte finca-se na árvore do mastro; a ave agita as asas; aplaudem (V 502-6); depois, Mnesteu rompe nós e linha que prendem a ave; a ave foge, voando, para os notos e as atras nuvens (V 507-12); 4º Euricião invoca o irmão, fazendo-lhe voto; finca a seta na ave; a ave cai, exânime, e deixa a vida nos astros etéreos (V 513-8); 5º Acestes torce a flecha para os ares aéreos; o dardo arde nas nuvens límpidas; os trinácrios e teucros hesitam, com os ânimos atônitos (V 519-30);

na *Iliada*, 1º Aquiles espeta na areia um mastro e amarra nele uma pomba que mirem com o arco (XXIII 852-5); 2º os varões tiram as sortes de um elmo brônzeo (XXIII 861-2); 3º a seta de Teucro resvala a corda que prende a ave pelos pés; a ave voa para o céu; os aqueus clamam (XXIII 865-9); 4º Meríones arranca-lhe da mão o arco; promete a Apolo render ínclita hecatombe; traspassa a ave sob a asa; o ardor voa-lhe dos membros (XXIII 870-81); 5º a gente espanta-se (XXIII 881).

A par da primeira parte do “Canto V” da *Eneida*, também a primeira parte do “Canto VI”, como se disse, lembra episódio da *Iliada*, como se vê do cotejo:

na *Eneida*, 1º a sibila de Cumes revela a Enéias que o corpo exânime do amigo Miseno jaz insepulto e aconselha-lhe cobri-lo com sepulcro (VI 149-55); 2º a fim de erigir as aras do sepulcro com árvores e elevá-lo ao céu, todos os troianos vão à mata antiga; sucumbem os pinheiros, ressoa a azinheira golpeada com os machados, traves de freixo e carvalho são cindidas por cunhas, olmos rolam dos montes (VI 176-82); 3º os teucros choram Miseno (VI 212-3); constroem ingente pira com resinas e carvalhos seccionados (VI 214-9); depois de o chorar, depõem o corpo no leito (VI 220); crema-se o que se recolheu: incenso, vítimas, crateras de óleo (VI 224-5); depois que escorregaram as cinzas, e se aquietou a chama, lavam os restos com vinho, e Corineio encerra os ossos recolhidos em cado brônzeo (VI 226-8);

na *Ilíada*, 1º a sombra de Pátroclo insta Aquiles a sepultar-lhe o corpo muito rapidamente, para que ela penetre nos portais de Ades, ou ainda, revela a Aquiles que as sombras a afastam para longe do domicílio de Ades e implora-lhe que lhe consigne uma pira (XXIII 69-76; cf. 103-7); 2º o poderoso Agamêmnon obriga homens e mulas a buscar lenha, e vão-se, tendo nas mãos os machados lenhadores; abatem o carvalho alta-coma com bronze talhante (XXIII 110-20); 3º todos choram (XXIII 153-7); amontoam lenha; fazem uma pira de cem pés; na pira de põem o morto, angustiados no coração (XXIII 163-5); Aquiles instrui os aqueus a, primeiro, apagar a fogueira toda com vinho fúlgido e, depois, recolher os ossos de Pátroclo e pô-los numa calpa dourada (XXIII 236-57).

Assim, pois, uns episódios da primeira parte da *Eneida* lembram episódios da *Ilíada*; outros, porém, como se disse, misturam lembranças da *Ilíada* e da *Odisséia*.<sup>27</sup> Assim, na segunda parte da *Eneida*, por exemplo, o rei Latino manda chamar os troianos para dentro de seu domicílio (VII 168-9) e, assim que ouviu Ilioneu (VII 213-48), responde, concedendo aos troianos sede e litoral (VII 259-62; cf. 229-30) e dando a Enéias a filha em matrimônio (VII 263-73). Daí, Turno, a quem Latino havia prometido Lavínia (VII 359-72, 398, 423-4), é advertido da traição por Alecto (VII 406-57), de maneira que perde a razão (VII 458-60) e, daí, ordena que se preparem as armas contra Latino (VII 460-75). Ora, de um lado, isso de Latino prontamente acolher os estrangeiros e dar ao chefe a filha em casamento lembra aquele episódio da *Odisséia*, em que o rei Alcínoo prontamente acolhe o estrangeiro, Odisseu, (VII 167-81), prometendo-lhe condução para chegar à terra pátria (VII 191-8, 315-28), mas convidando-o a tomar a filha como mulher e ser genro dele e oferecendo-lhe casa e posses, se quiser permanecer (VII 309-15). De outro lado, isso de Turno ofender-se e irar-se, porque a outro transferiram a moça que lhe havia sido prometida, lembra aquele episódio da *Ilíada*, em que Agamêmnon desonra (I 170-1, 243-4, 355-6, 411-2, 506-7; cf. IX 109-11) e encoleriza (I 139) Aquiles, tomando-lhe o prêmio que lhe havia sido dado, Briseide (I 184-5, 298-9, 355-6, 391-2; cf. IX 106-8, 111, 131-2, 273-4, 367-9). Aqui, porém, é de reparar que Vergílio inverte o sentido dos episódios, pois, ao passo que, na *Eneida*, a ira incita Turno à guerra, na *Ilíada*, todavia, a ira afasta Aquiles da guerra (I 240-4; cf. IX 249-61, 352-7, 425-6, 434-6, 517-8, 523, 674-5, 678-9), se não também da ágora (I 490-1).

## Conclusão

A disposição da *Eneida* subverte tanto a ordem dos casos narrados, armas e varão, como a ordem das obras imitadas, *Iliada* e *Odisséia*. A ordem dos casos, na verdade, Vergílio ora a subverte ora a ela obedece. Pois, no todo, a disposição da *Eneida* obedece a ela, na medida em que o tempo do que se narra na primeira metade da *Eneida*, isto é, da viagem de Enéias das orlas de Tróia à Itália e litorais lavínios, é anterior ao tempo do que se narra na segunda metade, isto é, da guerra de Enéias e troianos contra Turno e rútuolos. Nas partes, porém, a disposição da *Eneida* subverte a ordem dos casos, na medida em que o tempo do que se narra antes no “Canto I”, isto é, do naufrágio em Cartago, é posterior ao tempo do que se narra depois nos “Cantos II e III”, isto é, da queda de Tróia e da navegação de Enéias, respectivamente, e o tempo do que se narra apenas no “Canto IV”, isto é, dos amores de Dido e Enéias, é seguinte ao tempo do que se narra já no “Canto I”.

A ordem das obras imitadas, porém, Vergílio confunde-a de vários modos, invertendo, interpolando, desmembrando, misturando. Assim, no todo da *Eneida*, Vergílio inverte a ordem da *Iliada* e *Odisséia*, pois narra primeiro a viagem e depois a guerra, ao passo que Homero narra primeiro a guerra de Ílio e depois a viagem de Odisseu.<sup>28</sup> Assim também, na primeira metade da *Eneida*, em que imita a *Odisséia*, interpola um passo da *Iliada*, pois nos “Canto V e VI” interpola o funeral de Pátroclo. Assim também, ao interpolar, desmembra o episódio, antecipando as competições dos aqueus na primeira parte do “Canto V” e retardando o sepultamento de Pátroclo na primeira parte do “Canto VI”. Assim também, na segunda metade da *Eneida*, em que imita a *Iliada*, mistura episódios dessa e da *Odisséia*, pois no “Canto VII” mistura o episódio da *Odisséia*, em que o rei Alcínoo prontamente acolhe o estrangeiro, Odisseu, e o episódio da *Iliada*, em que Agamêmnon desonra e encoleriza Aquiles. Demais, é de reparar que Vergílio inverte não só a ordem, mas o sentido dos episódios, pois não só Enéias guerreia depois de viajar, e Odisseu viaja depois de guerrear, mas Enéias viaja para erguer os muros de Roma, e Odisseu, após derubar o capitólio de Tróia.

No “Canto I”, de um lado, inverte, interpola e desmembra passos da viagem de Odisseu dos “Cantos I 1-87 e V 21 - XIII 184” da *Odisséia*. Assim, inverte porque, na *Eneida*, primeiro Enéias é surpreendido por tempestade, quando se afasta da ilha da Sicília, e depois Vênus revela o receio de que Dido demore Enéias com palavras brandas, de modo que ele se desvie da Itália para a Líbia; na *Odisséia*, primeiro Atena se queixa a Zeus de que Calipso encanta Odisseu com palavras moles e mavisas, a fim de que ele se esqueça de Ítaca, e depois Odisseu é sur-

preendido por tempestade, quando se afasta da ilha de Ogígia. Assim também, interpola porque, entre o episódio do “Canto V” da *Odisséia*, em que Odisseu é superpreendido por tempestade, e o episódio consecutivo dos “Cantos VI-VII”, em que Odisseu faz o reconhecimento das terras em que naufragou, interpõe o episódio do “Canto XIII”, em que se descreve o lugar a que aportam os feaces que repatriam Odisseu. Assim também, desmembra porque desdobra o episódio em que Odisseu chora, ao ouvir o canto de Demódoco, fazendo Enéias primeiro chorar, ao admirar as pinturas dos artífices, e depois ouvir o canto de Iopas, sem chorar. No concílio dos deuses do “Canto X”, de outro lado, mistura passos dos “Cantos I, IV, VIII e XX” da *Iliada*, em que se descrevem uma e outra congregação dos deuses. Demais, é de reparar que Vergílio inverte não só a ordem, mas o sentido dos episódios, pois inverte as atuações do deus dos mares e do deus dos ventos, fazendo que obste à viagem do varão aquele que na *Odisséia* contribui para ela, e vice-versa.

Demais, é de reparar que o que enseja a subversão da ordem dos episódios da *Iliada* e *Odisséia* é a semelhança entre os casos da *Eneida* e os dessas, e não a identidade de uns e outros. Pois, por o exemplo, o episódio da *Eneida*, em que Dido se despede de Enéias, corresponde parcialmente ao episódio da *Odisséia*, em que Polifemo se despede de Odisseu. Pois, de um lado, são iguais os ânimos e razões de ambos, porque tanto Polifemo como Dido se iram por ter sido feridos pelo forasteiro, Polifemo, no olho, e Dido, nas entranhas; de outro lado, são diferentes as naturezas e predisposições de Polifemo, ciclope ameaçador que enclausura o forasteiro em sua gruta, e Dido, mulher gentil que socorre o forasteiro em seus domicílios.

Por fim, é de reparar que, assim como a proposição e, daí, as invocações e narrações da *Eneida* misturam os dois casos da *Iliada* e *Odisséia*, isto é, guerra e viagem, assim o gênero daquela mistura as espécies destas, tais quais se discernem no “Canto I” da *Odisséia*. Ora, ao cantar para os pretendentes (cf. I 150-4), Fêmio canta o retorno dos aqueios, assim:

τοῖσι δ' ἄοιδός ἄειδε περικλυτὸς, οἱ δὲ σιωπῇ  
 εἶατ' ἀκούοντες· ὁ δ' Ἀχαιῶν νόστον ἄειδε  
 λυγρὸν, ὃν ἐκ Τροίης ἐπετείλατο Παλλὰς Ἀθήνη  
 (I 325-7)

Para eles o cantor cantava, inclito; e eles em silêncio  
 estavam sentados, a ouvir; e ele cantava o retorno dos aqueios,  
 lúgubre, que de Tróia determinou Palas Atena,

até que é interrompido por Penélope, que, a derramar-se em lágrimas, lhe diz que abandone aquele caso e passe à gesta dos varões, assim:

“Φήμιε, πολλὰ γὰρ ἄλλα βροτῶν θελκτήρια οἶδας  
ἔργ’ ἀνδρῶν τε θεῶν τε, τά τε κλείουσιν ἄοιδοί·  
τῶν ἐν γέ σφιν ἄειδε παρήμενος, οἱ δὲ σιωπῇ  
οἶνον πιόντων· ταύτης δ’ ἀποπαύε’ ἄοιδῆς  
λυγρῆς [...]” (I 337-42)

“Fêmio, pois outros mais encantamentos de humanos sabes,  
gestas tanto de varões como de deuses; os cantores gloriam-nas;  
apartado deles, canta uma dessas; esses, em silêncio,  
bebam vinho; desiste desse canto,  
lúgubre [...]”.

Ora, assim como com o canto da gesta, ou *érga*, se pode identificar a espécie do canto iliádico, assim com o canto do retorno, ou *nóstos*, a espécie do canto odisséico; daí, por misturar ambas as espécies, a *Eneida* poder-se-ia dizer mista pelo gênero.

## NOTAS

- \* Professor Doutor de Língua e Literatura Latina do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do DLCV-FFLCH-USP.
- 1 Cf. SUET. *Poet. frg.* Rostagni XXI a l. 192-3: *Obtrectatores Vergilio numquam defuerunt, nec mirum, nam nec Homero quidem* “Detratores nunca faltaram a Vergílio, e não [é] de admirar, pois nem mesmo a Homero”; id. ib. l. 211-2 (= ASCON. *frg.* Mazzarino 4): *quem [= librum] contra obtrectatores Vergilii scripsit [sc. Asconius Pedianus]* “o qual [= livro] [Ascônio Pediano] escreveu contra os detratores de Vergílio”; id. ib. l. 203-4 (= CARU. *PICT. frg.* Funaioli): *Est et adversus Aeneida liber Carvili Pictoris, titulo Aeneidomastix* “Também contra a *Eneida* existe livro de Carvílio Píctor, de título *Eneidomastix*”; *VERGILOMASTIX frg.* Funaioli 1-2; DONAT. *Interpr. Verg.* “Prooem.” (v. I, p. 5, l. 26-7): *Nec te perturbent imperitorum vel obtrectatorum Vergiliani carminis voces inimicae* “E não te perturbem as inimigas vozes dos imperitos ou detratores do canto de Vergílio”.
- 2 Cf. MACR. *Sat.* I 24, 6-7: *qui enim moriens poema suum legavit igni, quid nisi famae suae vulnera posteritati subtrahenda curavit? nec immerito. erubuit quippe de se futura iudicia, [...] si [sc. legerentur] mille alia multum pudenda seu in verbis modo Graecis modo barbaris seu in ipsa dispositione operis deprehenderentur* “Esse [= Vergílio], sim, ao morrer, legou seu poema [= *Eneida*] ao fogo – por quê, senão [porque] cuidou que era para subtrair à

posteridade a vulnerabilidade de sua fama? E não sem razão. Pois que [o] ruborizaram os juízos que sobre ele haviam de ser, [...] se [se lessem] mil outras coisas de que era para envergonhar-se, seja nas palavras, já gregas já bárbaras, seja na própria disposição da obra”.

- 3 Cf. SERU. *Vit. Verg.* (v. I, p. 4, l. 16 - p. 5, l. 5): *ordo quoque manifestus est, licet quidam superflue dicant secundum primum esse, tertium secundum, et primum tertium, ideo quia primo Ilium concidit, post erravit Aeneas, inde ad Didonis regna pervenit* “Também a ordem [da *Eneida*] é manifesta, bem que alguns digam, superfluamente, que o segundo [livro] é o primeiro, [e] o terceiro, o segundo, e o primeiro, o terceiro, só porque primeiro caiu Tróia, depois Enéias errou, daí veio aos reinos de Dido; id. *In Aen. III* [“Prol.”]: *Secundum interrogationem Didonis <I 753> post insidias Graecorum et casus suorum proprios errores exsequitur, quos pertulit antequam ad Africam perveniret, ordine ut supra diximus commutato: nam rectum operis initium et <II 13> fracti bello fatisque repulsi* “Segundo a interrogação de Dido [VERG. *Aen. I* 753-6], após as insídias dos gregos e casos dos seus [id. ib. II], [Enéias] segue os erros próprios, que suportou antes que viesse à África [id. ib. III], mudada, como dissemos acima, a ordem; pois também [o] “[...] fracionados pela guerra e repelidos pelos fados” [(id. ib. II 13), isto é, o início do “Canto II”, é] o correto início da obra”.

- 4 Cf. DONAT. *Interpr. Verg.* “Prooem.” (v. I, p. 6, l. 17 - p. 7, l. 4):

*restat ut ante disputationis interioris ingressum etiam hoc debeat nosci, ordinationem operis sui sic conlocasse Vergilium, ut posteriora primitus et prima posterius poneret; nam Siciliensium in parte naufragium descriptum non inter primos labores Aeneae numerabatur, usque adeo ut ipse idem diceret (I, 29): “iactatos aequore toto Troas, reliquias Danaum atque inimitis Achilli, arcebat longe Latio multosque per annos errabant acti fati maria omnia circum”; et ex Aeneae persona (I, 198): “o socii, neque enim ignari sumus ante malorum, o passi graviora, dabit deus his quoque finem. vos et Scyllaeam rabiem penitusque sonantis accessis scopulos, vos et Cyclopea saxa experti”; et ex persona Didonis (I, 755): “nam te iam septima portat omnibus errantem terris et fluctibus aestas”. haec ergo quae posterioris temporis fuerunt posuit prima et in aliud tempus superiora distulit, ut in convivio Didonis narrarentur*

Resta, antes de ingressar na disputa interna [da *Eneida*], conhecer devidamente isto ainda: que Vergílio de tal modo colocou a ordem de sua obra que pusesse primeiramente as coisas posteriores, e posteriormente, as primeiras; pois o naufrágio descrito nas partes da Sicília não se contava no número dos primeiros labores de Enéias, tanto é que ele próprio dizia:

[...] jogados por toda a superfície,  
os troianos, restos dos dânaos e do infesto Aquiles,  
[Juno] afastava para longe do Lácio, e por muitos anos  
erravam, coagidos pelos fados, em redor dos mares todos [VERG. *Aen. I* 29-32],

e, pela pessoa de Enéias:

Ó sócios, sim, nem ignoramos os males de antes;  
ó [vós] que padecestes coisas mais graves, a estas também dará fim um deus.  
Vós até da raiva de Escila vos acercastes e dos escolhos  
que ressoam fundo; vós até os rochedos dos Ciclopes  
experimentastes [...] [id. ib. I 198-202],

- e, pela pessoa de Dido: “[...] pois a ti já transporta o sétimo / estio, a errar por todas as terras e vagalhões” [id. ib. I 755-6]. Logo, aquilo que foi de um tempo posterior ele pôs como primeiro [no “Canto I”], e diferiu o anterior para outro tempo, de modo que fosse narrado no convívio de Dido [nos “Cantos II-III”].
- 5 Cf. SUET. *Poet. frg.* Rostagni XXIII e l. 183-5; NIS. *frg.* Mazzarino 2; VAR. *frg.* Funaioli 2: *Nisus grammaticus audisse se a senioribus aiebat Varium duorum librorum ordinem commutasse, et qui nunc secundus sit in tertium locum transtulisse* “O gramático Niso afirmava ter ouvido dos mais velhos que Vário permutara a ordem dos dois livros [= II e III] e transferira para terceiro lugar o que agora é o segundo”.
- 6 Cf. VAR. *frg.* Funaioli 5: *sciendum sane Tuccam et Varium hunc finem quinti esse voluisse, nam a Vergilio duo versus sequentes huic iuncti fuerunt; unde in non nullis antiquis codicibus sexti initium est: ‘obvertunt pelago proras, tum dente tenaci’* “É para saber seguramente que Tuca e Vário quiseram que fosse este [= VERG. *Aen.* VI 2] o fim do quinto [livro], pois os dois versos seguintes ficaram juntados a este por Vergílio, de onde [vem que] em não poucos códices antigos o início do sexto [livro] é: ‘Viram para o pélogo as proas; então, com dente tenaz’ [id. ib. VI 3]”; BALB. *frg.* Funaioli 5: *‘et tandem’. Probus: his duobus versibus, inquit, finitur hic liber in Tuccae et Cornelianis commentariis, et Vergilium ita etiam finisse manifestum est et inchoasse sextum librum ‘obvertunt’* “E enfim [...] [VERG. *Aen.* VI 2]. Probo: ‘com estes dois versos’ insiste ‘finda este livro [= quinto] nos comentários de Tuca e [nos] de Cornélio, e é manifesto que Vergílio assim ainda [o] tenha findado, e que tenha sido encetado o sexto livro pelo ‘viram [...]’ [id. ib. VI 3]”; cf. POMPON. SABIN. *Ad Aen.* VI 1.
- 7 Cf. SUET. *Poet. frg.* Rostagni XXIII e l. 156-82 (cf. l. 183-91; GELL. XVII 10, 2-7): *Heredes fecit [...] L. Varium et Plotium Tuccam, qui eius Aeneida post obitum iussu Caesaris emendaverunt. [...] Ceterum eidem Varo ac simul Tuccae scripta sua sub ea conditione legavit, ne quid ederent, quod non a se editum esset. Edidit autem auctore Augusto Varius, sed summam emendata, ut qui versus etiam imperfectos, si qui erant, reliquerit. Quos multi mox supplere conati non perinde valuerunt ob difficultatem, quod omnia fere apud eum hemistichia absoluto perfectoque sunt sensu, praeter illud “quem tibi iam Troia”* “[Vergílio] fez herdeiros [seus] [...] L. Vário e Plócio Tuca, que emendaram a *Eneida* depois do óbito dele por ordem de César. [...] De resto, ao mesmo Vário e ainda a Tuca legou seus escritos, sob a seguinte condição: que nada editassem que não tivesse sido editado por ele. Ora, editou[-os] Vário com a autorização de Augusto, mas [eles] foram emendados sumariamente, de modo que aquele deixasse ainda imperfeitos os versos, se tais [versos imperfeitos] existiam. Muitos que logo se esforçaram por suprir tais [versos] não identicamente valeram, por causa da dificuldade, porque quase todos os hemistíquios [que há] nele [= em Vergílio] são de sentido absoluto e perfeito, exceto o: ‘que para ti já Tróia . . .’ [VERG. *Aen.* III 340]”.
- 8 Cf. SUET. *Poet. frg.* Rostagni XXI a): *Varius et Tucca, Vergilii et Horatii contubernales, poetae habentur illustres: qui Aeneidos postea libros emendarunt sub lege ea, ut nihil adderent* “Vário e Tuca, camaradas de Vergílio e Horácio, eram tidos por poetas – [e] ilustres –, os quais posteriormente emendaram os livros da *Eneida* sob a seguinte condição: que nada adicionassem”; *Vit. Verg. Noric.* p. 55, l. 41-4: *Varius et Toca Virgilii et Horatii contubernales poetae, qui Aeneidos postea libros emendaverunt sub ea condicione, ut nihil adderent* “Vário e Tuca, poetas camaradas de Vergílio e Horácio, os quais posteriormente emendaram os livros da *Eneida* sob a seguinte condição: que nada adicionassem”.



- 9 Cf. SUET. *Poet. frg.* Rostagni XXI b): *Augustus ..... Tuccam et Varium hac lege iussit (Aeneidos libros) emendare, ut superflua demerent, nihil adderent tamen* “Augusto . . . . ordenou que Tuca e Vário emendassem [os livros da *Eneida*] sob a seguinte lei: que dirimissem o supérfluo, nada adicionassem todavia”; *Vit. Verg. Noric.* p. 61, l. 41-7: *sed Octavianus [...] praecepit, ut Tuca et Varro, qui erant tunc nobilissimi poetae, tali emendatione emendarent, ut superflua quaeque auferrent et de suo nihil adderent. unde et dimidii versus ibi inveniuntur* “Mas Otaviano [...] preceituou que Tuca e Vário, que eram então poetas nobilísimos, emendassem [a *Eneida*] com emenda tal que cada coisa supérflua subtraíssem, e nada adicionassem por si; de onde [vem que] lá se encontram também metades de versos [soltas]”; *SERU. Vit. Verg.* v. I, p. 2, l. 10-5: *Augustus vero [...] Tuccam et Varium hac lege iussit emendare, ut superflua demerent, nihil adderent tamen: unde et semiplenos eius invenimus versiculos* “Na verdade, Augusto ordenou que Tuca e Vário emendassem [a *Eneida*] sob esta lei: que dirimissem o supérfluo, nada adicionassem todavia; de onde [vem que] encontramos também versinhos incompletos dele”.
- 10 Cf. DONAT. *Interpr. Verg.* “Prooem.” (v. I, p. 6, l. 17 - p. 7, l. 4): *haec ergo quae posterioris temporis fuerunt posuit prima et in aliud tempus superiora distulit, ut in convivio Didonis narrarentur, ne, si prima ponerentur, odiosum foret haec eadem inquirente Didone repetere, quae vitandae prolixitatis causa semel dici convenerat* “Logo, aquilo que foi de um tempo posterior ele pôs como primeiro, e diferiu o anterior para outro tempo, de modo que fosse narrado no convívio de Dido [nos “Cantos II-III”], de modo que não fosse odioso – [como teria sido,] se tivesse sido posto como primeiro – [Enéias] recapitular, ao requerer Dido [VERG. *Aen.* I 753-6], aquilo mesmo que, por causa de evitar a prolixidade, [Vergílio] se convencera de dizer uma única vez”.
- 11 Cf. *SERU. Vit. Verg.* v. I, p. 4, l. 16 - p. 5, l. 5: *ordo quoque manifestus est, licet quidam superflue dicant secundum primum esse, tertium secundum, et primum tertium, ideo quia primo Ilium concidit, post erravit Aeneas, inde ad Didonis regna pervenit, nescientes hanc esse artem poeticam, ut a mediis incipientes per narrationem prima reddamus et non numquam futura praeoccupemus, ut per vaticinationem: quod etiam Horatius sic praecepit in arte poetica ut iam nunc dicat iam nunc debentia dici, pleraque differat et praesens in tempus omittat: unde constat perite fecisse Vergilium* “Também a ordem [da *Eneida*] é manifesta, bem que alguns digam, superfluamente, que o segundo [livro] é primeiro, [e] o terceiro, segundo, e o primeiro, terceiro, só porque primeiro caiu Tróia, depois Enéias errou, daí veio aos reinos de Dido, a ignorarem que a arte poética é tal que, ao encetar do meio, restituamos, pela narração, o primeiro e, não raro, antecipemos o que será, como por vaticinação, o que ainda Horácio assim preceituou na *Arte poética*: ‘que já agora diga o que já agora se deve dizer / e o mais difira e omite no tempo presente’ [HOR. *AP* 43-4]. Daí consta que Vergílio fez [o que fez] com perícia”.
- 12 Cf. *MACR. Sat.* V 2, 9: *ille enim vitans in poemate historicorum similitudinem, quibus lex est incipere ab initio rerum et continuam narrationem ad finem usque perducere, ipse poetica disciplina a rerum medio coepit et ad initium post reversus est* “Aquele [= Homero], sim, a fim de evitar num poema a semelhança dos historiadores, para os quais a lei é encetar desde o início dos casos e conduzir narração contínua até ao fim – ele próprio, segundo a disciplina poética, começou desde o meio dos casos e depois retornou ao início”.

13 Cf. MACR. Sat. V 2, 8-13: *nec illud cum magna cura relaturus sum, licet ut aestimo non omnibus observatum, quod cum primo versu promisisset producturum se de Troiae litoribus Aeneas – ... Troiae qui primus ab oris / Italiam fato profugus Lavinaque venit / littora ... ubi ad ianuam narrandi venit, Aeneae classem non de Troia, sed de Sicilia producit: vix e conspectu Siciliae telluris in altum / vela dabant laeti ... quod totum Homericis filis texuit. [...] ergo Vlixis errorem non incipit a Troiano litore describere, sed facit eum primo navigantem de insula Calypsonis, et ex persona sua perducit ad Phaeacas. illic in convivio Alcinoi regis narrat ipse quem ad modum de Troia ad Calypsonem usque pervenerit. post Phaeacas rursus Vlixis navigationem usque ad Ithacam ex persona propria poeta describit. quem secutus Maro Aeneas de Sicilia producit, cuius navigationem describendo perducit ad Libyam. illic in convivio Didonis ipse narrat Aeneas usque ad Siciliam de Troia navigationem et addit uno versu quod iam copiose poeta descriperat: hinc me digressum vestris deus appulit oris. post Africam quoque rursus poeta ex persona sua iter classis usque ad ipsam descripsit Italiam: interea medium Aeneas iam classe tenebat / certus iter ... quid quod et omne opus Vergilianum velut de quodam Homericis operis speculo formatum est? “E não referirei com grande cuidado o seguinte, bem que, como estimo, não de todos observado: que [Marão], embora, no primeiro verso, tivesse prometido que introduziria Enéias desde os litorais de Tróia: ‘[...] que, por primeiro, das orlas de Tróia / à Itália, fugitivo do fado, veio e aos lavín[i]os / litorais [...]’ [VERG. Aen. I 1-3], quando vem ao umbral da narração, introduz a frota de Enéias, não desde Tróia, mas desde a Sicília: ‘mal da vista da terra sícula para o alto-mar / as velas davam, alegres [...]’ [id. ib. I 34-5]. Isso tudo teceu com fios homéricos. [...] Logo, o error de Ulisses [Homero] não começa a descrever desde o litoral troiano, mas o faz primeiro navegar da ilha de Calipso e, por sua pessoa, conduz até os feaces [HOM. Od. V 261-493]. Lá, no convívio do rei Alcínoo, o próprio [Ulisses] narra de que modo veio de Tróia até Calipso [id. ib. IX-XII]. Após os feaces, de novo, por própria pessoa, o poeta descreve a navegação de Ulisses até Ítaca [id. ib. XIII 70-125]. Por ter seguido esse [= Homero], Marão introduz Enéias desde a Sicília e conduz-lhe a navegação, ao longo da descrição, até a Líbia [VERG. Aen. I 34-158]. Lá, no convívio de Dido, o próprio Enéias narra a navegação de Tróia até a Sicília [no “Canto III”] e acrescenta, num único verso, aquilo que já copiosamente o poeta descrevera: ‘após daí divergir, um deus impeliu-me às vossas orlas’ [id. ib. III 715]. Após a África também, de novo, o poeta, por sua pessoa, descreveu o itinerário da frota até a própria Itália [id. ib. V-VII 36]: ‘entrementes, Enéias, na frota, já o meio atingia / do itinerário, decidido [...]’ [id. ib. V 1-2]. Quê? Pois ainda a obra vergiliana toda foi formada como que de algum espelho da obra homérica?”.*

14 Na verdade, a ira de Juno é a causa de Enéias não só ter sido jogado em terras e alto-mar, mas de ter padecido com a guerra. De fato, assim como, no “Canto I”, em que se enceta a narração da viagem de Enéias de Tróia ao Lácio, Juno recorre ao deus Éolo, para manter os troianos longe do Lácio (I 50-80), assim também, no “Canto VII”, em que se enceta a narração da guerra de Enéias contra Turno, Juno recorre à Fúria Alecto, para lançar os rútuos contra os troianos (VII 323-40). Na verdade, Vergílio aproxima tais passos, usando em ambos as mesmas palavras, assim: no “Canto I”, ao fazer Juno pedir a Éolo que incuta vigor aos ventos e, depois de as submergir, destrua as popas troianas e disperse os corpos no mar, usa dos imperativos *incute* e *disjice* (I 69-70) e, no “Canto VII”, ao fazer Juno pedir a Alecto que percuta o peito de Turno e disperse a paz

convencionada, usa dos imperativos *concute* e *disjice* (VII 338-40). Que Juno, porém, se socorra a Éolo para fazer Enéias ser jogado em terras e alto-mar, e a Alecto, para fazê-lo padecer na guerra, explica-se, de um lado, porque é dom de Éolo premer e relaxar as rédeas aos ventos, que poderiam consigo arrebatam e pelos ares varrer mares e terra e também o céu profundo (cf. I 58-9, 62-3, 66), e, de outro lado, porque é dom das Fúrias armar para o prélio (cf. II 337-8: *In flammis et in arma feror, quo tristis Erinyes / [...] vocat [...]*; VII 335: *Tu potes unanimos armare in proelia fratres*) e semear os crimes de guerra (cf. VII 339: *sere crimina belli*; 325: *cui tristia bella*; 460-1). Em outras palavras, Éolo faz os ventos soprar contra as naus troianas de modo a obstar à viagem de Enéias de Tróia ao Lácio, e Alecto insufla ódio nos peitos rútuos de modo a provocar a guerra de Turno contra Enéias.

- 15 Cf. DONAT. *Interpr. Verg.* VII 37-40 (v. II, p. 9, l. 23-7): *magno consilio et exquisitis inventionibus Aeneae laudes adcumulat; facit enim novum adventus eius initium, novum exordium carminis, ut errorum et laborum eius alia pars videatur esse, alia gestorum in Italia* “Com grande deliberação e rebuscadas invenções, [Vergílio] acumula as loas de Enéias; faz, sim, novo início do advento dele, novo exórdio do canto [VERG. *Aen.* VII 37-45], de modo que uma pareça ser a parte dos erros e labores dele [= 1ª metade da *Eneida*], outra, [a] da gesta na Itália [= 2ª metade da *Eneida*]”.
- 16 Também o estado dos condutores dos dánaos Enéias o resume por meio de dois incisivos, de que um insiste na guerra, que os fracionou, e o outro, nos fados, que os repeliram para longe de Tróia; assim: *fracti bello fatisque repulsi* (II 13).
- 17 Cf. DONAT. *Interpr. Verg.* I 753-5 (v. I, p. 144, l. 11-8): *brevis quidem propositio, sed quae non brevem narrationem fuisset habitura. respondetur ergo primis duabus propositionibus in secundo libro, tertiae autem in tertio. nam in secundo insidias Danaum et suorum casus executus est, in tertio vero errores suos numeravit, licet in tertio ipso etiam casus suorum nonnullos addiderit, cum de Polydoro, de perditis suis contagione sociis et de amisso patre locutus proditur* “Breve, sim, a proposição [de Dido (VERG. *Aen.* I 753-6)], mas que houvera de ter narração não breve [de Enéias (id. ib. II-III)]. Logo, responde-se às duas primeiras proposições no segundo livro; à terceira, porém, no terceiro. Pois, no segundo, [Enéias] seguiu as insídias dos dánaos e os casos dos seus; no terceiro, porém, enumerou os erros seus, bem que, no mesmo terceiro, tenha adicionado ainda não poucos casos dos seus, quando prossegue, após ter falado de Polidoro [id. ib. III 22-57], dos sócios que se perderam pelo contágio do paludismo [id. ib. III 132-46] e do pai que se foi [id. ib. III 707-14]”; id. ib. III [“Prooem.”] (v. I p. 260, l. 1-5): *Narraturus secundum Didonis propositionem etiam errores suos inde primum sumpsit exordium unde revera convenerat; nam laborum eius caput fuit abeundi de Troia necessitas. neque enim errare per diversa potuisset, nisi primum patriae suae finibus fuisset exclusus* “Prestes a narrar ainda os seus erros segundo a proposição de Dido [VERG. *Aen.* I 753-6], [Enéias] primeiro tirou o exórdio de lá de onde se convencera verdadeiramente [de tirar]; pois o que encabeçou os labores dele foi a necessidade de sair de Tróia. Sim, e não teria podido errar por diversas coisas, se não tivesse sido, primeiro, excluído dos confins de sua pátria”; SERU. *In Aen.* I 755: *ERRORESQVE TVOS et responsio hunc ordinem sequitur. nam primo dicit Troiae ruinam, post errores suos* “[...] e a resposta segue essa ordem [da interrogação de Dido (VERG. *Aen.* I 753-6)]. Pois, primeiro, [Enéias] diz a ruína de Tróia [id. ib. II]; depois, os seus

errores [id. ib. III]”; id. ib. III [“Prol.”]: *Secundum interrogationem Didonis <I 753> post insidias Graecorum et casus suorum proprios errores exsequitur, quos pertulit antequam ad Africam perveniret, ordine ut supra diximus commutato: nam rectum operis initium et <II 13> fracti bello fatisque repulsi*: “Segundo a interrogação de Dido [VERG. Aen. I 753-6], após as insídias dos gregos e casos dos seus [id. ib. II], [Enéias] segue os erros próprios, que suportou antes que viesse à África [id. ib. III], mudada, como dissemos acima, a ordem; pois também [o] “[...] fracionados pela guerra e repelidos pelos fados” [(id. ib. II 13), isto é, o início do “Canto II”, é] o correto início da obra”.

- 18 Os comentadores acusam tal alternância. Assim, nos dois acusativos, por exemplo, alguns teriam visto figura, segundo a qual, na proposição, Vergílio anuncia numa ordem, e na narração, responde noutra: *Arma virumque figura usitata est ut non eo ordine respondeamus quo proposuimus; nam prius de erroribus Aeneae dicit, post de bello* (SERU. In Aen. I 1) “As armas e o varão [...]’ [VERG. Aen. I 1]. É figura usitada: que não respondamos naquela ordem em que propusemos; pois primeiro [Vergílio] discursa acerca dos erros de Enéias [= 1ª metade da *Eneida*]; depois, acerca da guerra [= 2ª metade da *Eneida*]; *hoc loco plerique arbitrantur errasse Vergilium, ut primo rem, deinde personam poneret; qui si Sallustium (hist. I 1 M.) considerarent liberum a ratione metrorum sic historiam coepisse, ut primo rem, dehinc populi Romani personam poneret, numquam Vergilium criminarentur, quem constat in propositione liberam ordinandi habuisse licentiam, exequendi vero alium ordinem adhibuisse. [...] cano bis accipitur, cano arma, cano virum, sed armorum descriptionem primo propositam sequenti disputationi servavit et coepit a gestis viri adiungens haec secundae propositioni, ne hiulcam faceret narrationem* (DONAT. Interpr. Verg. I 1 [v. I, p. 7, l. 17 - p. 8, l. 2]) “Neste passo [VERG. Aen. I 1], é arbítrio de mais de um que Vergílio tenha errado, de modo que pusesse primeiro coisa [= “armas”], depois pessoa [= “varão”]; aqueles, se considerassem que Salústio, [embora] livre da regra do metro, de tal maneira começou a *História* que primeiro pusesse as coisas, depois a pessoa do povo romano [SALL. H. frg. I 1], nunca recriminariam Vergílio, que consta, na proposição [da *Eneida*], ter tido licença livre para a ordenação, ter adotado, porém, outra ordem de execução. [...] ‘Canto’ percebe-se duas vezes: ‘canto as armas’, ‘canto o varão’, mas [Vergílio] reservou a descrição das armas [VERG. Aen. VIII 618-731], [bem que] proposta primeiro, para a discussão seguinte [= 2ª metade da *Eneida*] e começou desde a gesta do varão [= 1ª metade da *Eneida*], de modo a juntar essa à segunda proposição, para que não fizesse lacunar a narração”. Assim também, na partição de Enéias, por exemplo, alguns teriam visto a figura da histerologia, uma vez que ele lá anuncia antes o que narra depois no “Canto III”, e depois, o que narra antes no “Canto II”: [...] *et quibusdam hic hystero-logia videtur; prius enim est, ut Troiae laborem, post Aeneae casus agnoscat* (SERU. In Aen. II 11) “[...] E a alguns parece [existir] histerologia aqui [VERG. Aen. II 10-1; cf. I 753-6]; sim, primeiro vem o conhecer o labor de Tróia [id. ib. II]; depois, os casos de Enéias [id. ib. III]”.
- 19 A palavra *ira*, que se lê não só na proposição da *Eneida*: *saevae memorem Iunonis ob iram* (VERG. Aen. I 4) “devido à ira rememorada da seva Juno”, mas na primeira invocação: *tantaene animis caelestibus irae?* (id. ib. I 11) “tamanhas assim as iras nos ânimos celestes?”, seria rememoração, não do *mênin* ou “ira” da invocação da *Íliada*, mas do *kekholotai* ou “está encolerizado” (HOM. Od. I 69) ou do *khólon* ou “cólera” (id. ib. I 78) do início da narração da *Odisséia*. Pois, assim como, aqui, Zeus explica o infortúnio de Odisseu, dizendo que é consequência, não de algum ódio seu contra Odisseu (id. ib. I 62, 65-7),

que aos humanos sobressai nos sacrifícios aos deuses imortais (id. ib. I 60-2, 66-7), mas da cólera de Posidão (id. ib. I 68-79; cf. 69), que o faz errar longe da pátria (id. ib. 75), assim, na *Eneida*, Vergílio diz que Enéias foi muito jogado em terras e alto-mar por causa da ira de Juno (VERG. *Aen.* I 3-4, 8-11), apesar de ser insigne pela piedade para com os deuses (id. ib. 10).

- 20 Cf. DONAT. *Interpr. Verg.* I 1 (v. I, p. 7, l. 17 - p. 8, l. 2): *hoc loco plerique arbitrantur errasse Vergilium, ut primo rem, deinde personam poneret; qui si Sallustium (hist. I I M.) considerarent liberum a ratione metrorum sic historiam coepisse, ut primo rem, dehinc populi Romani personam poneret, numquam Vergilium criminarentur* “Neste passo [VERG. *Aen.* I 1], é arbítrio de mais de um que Vergílio tenha errado, de modo que pusesse primeiro coisa [= “armas”], depois pessoa [= “varão”]; aqueles, se considerassem que Salústio, [embora] livre da regra do metro, de tal maneira começou a *História* que primeiro pusesse as coisas, depois a pessoa do povo romano [SALL. *H. frg.* I 1], nunca recriminariam Vergílio”.
- 21 É certo, porém, que a mesma invocação da *Odisséia*, em que se lê: *ándra moi énepe, Moûsa* (HOM. *Od.* I 1) “o varão para mim recita, Musa”, já é rememoração da terceira invocação da *Ilíada*, em que se lê: *sý moi énepe, Moûsa* (id. *Il.* II 761) “tu para mim recita, Musa”. Cf. n. 22.
- 22 É certo, porém, que o dativo *moi* não é exclusivo da invocação da *Odisséia*. De fato, consta não só consta nesta fórmula, que introduz cinco das seis invocações da *Ilíada*: *éspete nyn moi, Moûsai Olýmpia dómat' ékhousai* (HOM. *Il.* II 484; XI 218; XIV 508; XVI 112) “dizei-me agora, Musas, que tendes domicílios olímpios”, mas nesta outra, da terceira invocação: *sý moi énepe, Moûsa* (id. *Il.* II 761) “tu para mim recita, Musa”, que é bem a que se rememora na invocação da mesma *Odisséia*: *ándra moi énepe, Moûsa* (id. *Od.* I 1) “o varão para mim recita, Musa”. Cf. n. 21.
- 23 Cf. SERU. *In Aen.* VII 1: *Vt et in principio diximus, in duas partes hoc opus divisum est: nam primi sex ad imaginem Odysssiae dicti sunt, quos personarum et adlocutionum varietate constat esse graviores, hi autem sex qui sequuntur ad imaginem Iliados dicti sunt, qui in negotiis validiores sunt* “Como dissemos também no princípio, esta obra está dividida em duas partes; pois os primeiros seis [livros] foram ditos à imagem da *Odisséia*, os quais consta serem mais graves pela variedade das pessoas e interlocuções; estes seis, porém, que seguem, foram ditos à imagem da *Ilíada*, os quais são mais valorosos nos negócios”.
- 24 Mais precisamente, arrola, nesta ordem: Mezêncio (v. 648), das orlas tirrenas (v. 647); Aventino (v. 657), da colina do Aventino (v. 659); Catilo e Coras (v. 672), das muralhas tibúrcias (v. 670); Céculo (v. 681), da cidade de Preneste (v. 678); Messapo (v. 691), das paragens fesceninas e faliscas (v. 695), das cidadelas do Soracte e dos arados flavínios (v. 696), do lago de Címino e dos bosques capenos (v. 697); Clauso (v. 707), do sangue sabino (v. 706); Haleso (v. 724), dos Mássicos (v. 726), das planícies sidicinas (v. 727), de Cales (v. 728), do rio Volturmo (v. 729), da cidade de Satícula (v. 729), dentre os oscos (v. 730); Ébalo (v. 734), do rio Sarno (v. 738), de Ruffras e Bátulo (v. 739), dos arados de Celena (v. 739), da cidade de Abela (v. 740); Ufente (v. 745), da cidade de Nerva (v. 744); Umbrão (v. 752), da gente marrúvia (v. 750); Vírbio (v. 762), da cidade de Arícia (v. 762); Turno (v. 783), dentre auruncos, rútuulos, sicanos, sacranos, labicos (v. 795-6), dos bosques do Tiberino (v. 797), das margens do Numico (v. 797), do pico Circeu (v. 799); Camila (v. 803), da gente volsca (v. 803).

25 Mais precisamente, arrola, nesta ordem: beotes (v. 494-516; cf. 494, 510, 526); foceios (v. 517-26; cf. 517, 525); locros (v. 526-35; cf. 527, 535); os que a Eubéia têm (v. 536-45; cf. 536); os que Atenas têm (v. 546-56; cf. 546, 558); os de Salamine (v. 557-8; cf. 557); os que têm Argo (v. 559-68; cf. 559); os que Micenas têm (v. 569-80; cf. 569); os que têm Lacedêmone (v. 581-90; cf. 581); os que moram em Pilo e outras (v. 591-602); os que têm a Arcádia (v. 603-14; cf. 603, 611); os que em Bupásio e Élide moram (v. 615-24; cf. 615, 626); os das ilhas Dulíquio e Equinas (v. 625-30; cf. 625, 629); os de Ítaca e outras (v. 631-7); etolos (v. 638-44; cf. 638, 643); cretos (v. 645-52; cf. 645, 649); ródios (v. 653-70; cf. 654, 655, 667); os de Sime (v. 671-5; cf. 671), isto é, da Cária; os que têm Nisiro, Crápatos, Caso, Cò, Eurípilo e as ilhas Calidnes (v. 676-80); mirmídões (v. 681-94; cf. 684); os que têm Fílace, Píraso, Itão, Antrão (v. 695-710), isto é, a Tessália; os que moram em Feras e outras (v. 711-5), isto é, na Tessália; os que moram em Metone, Taumácia, Melibéia, Olizão (v. 716-28), isto é, na Magnésia; os que têm Trica e Itoma e os que têm Ecália (v. 729-33), isto é, a Tessália; os que têm Ormênio e outras (v. 734-7), isto é, a Tessália; os que Argissa têm e em Girtona moram e em Orte, Elone, Oloôssão (v. 738-47), isto é, os que habitam a Tessália; os das cercanias de Dodone (v. 648-55; cf. 750); os magnetos (v. 756-9; cf. 756).

26 Na verdade, se a pele de pantera de Evandro lembra a pele de leopardo que Menelau carrega no “Canto X” da *Ilíada*, tudo o mais lembra episódio do “Canto II” da *Odisséia*. Pois, assim como, aqui, Telêmaco acorda quando aparece Aurora, e veste suas vestes, põe a pontiaguda espada ao redor do ombro, calça belas sandálias, e tem na palma da mão lança de bronze, e é seguido por dois cães (II 1-11), assim, na *Eneida*, Evandro é despertado pela luz nutriz, e se veste com sua túnica, circunda as plantas dos pés com amarras tirrenas, prende aos ombros a espada tegéia, e cães lhe acompanham o passo (VIII 455-62).

27 Na verdade, já nos jogos do “Canto V” e no sepultamento do “Canto VI” da *Eneida* Vergílio parece misturar episódios da *Ilíada* e da *Odisséia* (cf. n. 26). Por exemplo, nos jogos do aniversário da morte de Anquises, em que já rememora as competições do “Canto XXIII” da *Ilíada*, Vergílio parece ainda misturar os jogos do “Canto VIII” da *Odisséia*. Assim, aquilo de os jogos anunciados por Enéias no início do “Canto V” da *Eneida*, como se disse, não corresponder aos cinco descritos na seqüência lembra a disparidade entre os jogos anunciados e os jogos descritos no “Canto VIII” da *Odisséia*. De fato, Alcínoo, ao convidar todos a sair e a experimentar-se nos jogos (VIII 100), anuncia quatro, a saber: pugilato, luta, salto, corrida a pé (VIII 103), aos quais se seguem, todavia, cinco, a saber: corrida a pé, luta, salto, arremesso de disco, pugilato (VIII 120-30); Odisseu, por sua vez, sobre experimentar-se no arremesso de disco com sucesso (VIII 186-200), desafia todos os feaces a competir com ele em cinco jogos, a saber: no pugilato, na luta, na corrida a pé, no tiro de arco, no arremesso de lança (VIII 202-33). Assim também, nas explicações de Darete do “Canto V” da *Eneida*, em que já rememora as explicações de Néstor do “Canto XXIII” da *Ilíada*, Vergílio parece ainda rememorar as explicações de Odisseu do “Canto VIII” da *Odisséia*, como se vê do cotejo:

na *Eneida*, depois que Darete se oferece ao pugilato, ninguém ousa enfrentá-lo (V 378-9); depois, porém, que Acestes lhe repreende o silêncio, Entelo, primeiro, explica-se, dizendo que a tarda velhice lhe embota o gélido sangue, e os vigores se esfriam, arrefecidos, no corpo; depois, acaba por aceitar o desafio (V 387-403);

na *Odisséia*, depois que Laodamante manda perguntar-lhe se conhece e pratica algum jogo, Odisseu recusa o convite (VIII 133-57); depois, porém, que Euríalo mofa dele, Odisseu, primeiro, explica-se, dizendo que muito trabalhara, experimentando batalhas de varões e ondas altivas, o mal que mais consterna um varão; depois, acaba por aceitar o desafio, gabando-se de encarar todos os feaces, no pugilato, na luta, na corrida a pé, no tiro de arco, e de que, de todos os aqueus, só Filoctetes o excedera no tiro de arco (VIII 159-85; cf. 134-9, 202-18, 229-33);

na *Iliada*, ao entregar a Néstor o quinto prêmio, Aquiles observa que ele não se baterá no pugilato, nem na luta, nem no arremesso de lança, nem na corrida a pé, porque a difícil velhice já o oprime (XXIII 615-23); Néstor, por sua vez, confirma as palavras de Aquiles, mas gaba-se de que, em jovem, nenhum varão existira semelhante a ele, que no pugilato vencera Clitomedes, e na luta, Anceio, e na corrida a pé, Íficlo, e no arremesso de lança, Files e Polidoro, e que só na corrida de carros fora ultrapassado pelos dois Actoríões (XXIII 626-50).

Isso, porém, porque talvez já os jogos do “Canto VIII” da *Odisséia* sejam rememoração das competições do “Canto XXIII” da *Iliada*.

- 28 Cf. MACR. Sat. V 2,6: *iam vero Aeneis ipsa nonne ab Homero sibi mutuata est errorem primum ex Odyssea, deinde ex Iliade pugnas? quia operis ordinem necessario rerum ordo mutuavit, cum apud Homerum prius Iliacum bellum gestum sit, deinde revertenti de Troia error contigerit Vlixi, apud Maronem vero Aeneae navigatio bella quae postea in Italia sunt gesta praecesserit* “Não é que a própria *Eneida* já, em verdade, a Homero tomou emprestados para si, primeiro, o error – à *Odisséia*; depois, as pugnas – à *Iliada*? Porque a ordem da obra foi mudada, necessariamente, pela ordem dos casos, já que, em Homero, primeiro se geriu a guerra de Ílio [= *Iliada*], depois tocou a Ulisses, enquanto retornava de Tróia, o error [= *Odisséia*]; em *Marão*, em verdade, a navegação de Enéias [= 1ª metade da *Eneida*] precedeu as guerras que posteriormente se geriram na Itália [= 2ª metade da *Eneida*].”

MARTINHO DOS SANTOS, Marcos. *De la disposition de l'Énéide, ou Du genre de l'Énéide selon les espèces de l'Iliade et de l'Odyssée.*

**RÉSUMÉ:** *J'examine la disposition de l'Énéide. Ainsi, j'examine, d'abord, la matière que Virgile propose au début du poème et alors l'ordre selon lequel il l'expose dans l'invocation et la narration. Or, la matière est double, c'est à dire, armes et héros, ou alors, guerre et voyage, et, de même que la matière, la proposition aussi est double, et les six invocations se partagent en deux groupes, et les deux narrations, c'est à dire, celle de Virgile et celle d'Énée, se partagent en deux. Car, d'un côté, la première invocation et alors la première moitié de la narration de Virgile se spécialisent dans la matière du voyage (“Chants I 8-756 e IV - VII 36”), et les autres cinq invocations et alors la deuxième moitié de la narration de Virgile, dans celle de la guerre (“Chants VII 37 - XII”); de l'autre côté, la première*

moitié de la narration d'Énée se spécialise dans la matière de la guerre ("Chant II"), et la deuxième, dans celle du voyage ("Chant III"). Puis, j'examine la dépendance de la proposition, invocation et narration de l'Énéide par rapport aux parties correspondantes de l'Iliade et de l'Odyssée, en comparant les unes avec les autres. Car, puisque la matière de l'Iliade est la guerre, et celle de l'Odyssée, le voyage, les parties de l'Énéide dépendent tantôt de l'une tantôt de l'autre. Ce faisant, pourtant, j'envisage d'examiner la façon dont la disposition de l'Énéide bouleverse, par exemple, les épisodes de la narration de l'Iliade et de l'Odyssée, inversant, interpolant, partageant, mélangeant. Enfin, d'après un passage du "Chant I" de l'Odyssée, j'identifie l'Iliade avec l'espèce de chant des érga ou "geste", et celle de l'Odyssée, avec l'espèce de chant du nóstos ou "retour", de façon à conclure que l'Énéide, une fois qu'elle mélange les deux espèces, est mixte selon le genre.

**MOTS-CLEFS:** Énéide, Iliade, Odyssée; disposition; proposition, invocation, narration; érga, nóstos.